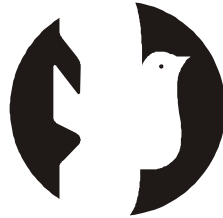


GISELLE PIANOWSKI



UNIVERSIDADE
SÃO FRANCISCO

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA LOCALIZAÇÃO E
QUALIDADE FORMAL DO RORSCHACH PELO
SISTEMA COMPREENSIVO NO BRASIL**

ÍTATIBA
2010

GISELLE PIANOWSKI

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA LOCALIZAÇÃO E
QUALIDADE FORMAL DO RORSCHACH PELO
SISTEMA COMPREENSIVO NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação da Universidade São Francisco
para a obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

ORIENTADORA: PROF^a DR^a ANNA ELISA DE VILLEMOR-AMARAL

ITATIBA
2010

157.9321 P643e	<p>Pianowski, Giselle. Evidências de validade da localização e qualidade formal do Rorschach pelo Sistema Compreensivo no Brasil / Giselle Pianowski. -- Itatiba, 2010. 86 p.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Programa de Pós- Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Psicologia da Universidade São Francisco. Orientação de: Anna Elisa de Villemor-Amaral.</p> <p>1. Avaliação psicológica. 2. Métodos projetivos. 3. Avaliação da personalidade. 4. Validação. 5. Normatização. I. Villemor-Amaral, Anna Elisa de. II. Título.</p>
-------------------	---

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

MESTRADO

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA LOCALIZAÇÃO E QUALIDADE FORMAL DO RORSCHACH PELO SISTEMA COMPREENSIVO NO BRASIL

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Giselle Pianowski, sob orientação de Anna Elisa de Villemor-Amaral, aprovada pela comissão examinadora em Itatiba, 22 de fevereiro de 2010.

COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Anna Elisa de Villemor - Amaral
Orientadora e Presidente.



Profa. Dra. Latife Yazigi
Examinadora



Prof. Dr. Ricardo Primi
Examinador

**Itatiba
2010**

Dedicatória

Dedico este trabalho principalmente a Deus, porque pra mim nada teria sentido ou valor sem a presença D'Ele. Dedico também a todos que, direta ou indiretamente, hoje ou num futuro distante, podem se beneficiar com os resultados deste estudo.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de expressar meu agradecimento a Deus, a quem já dediquei este trabalho. Também expresso minha gratidão em especial para minha família, por quem, apesar de pesquisadora, não consigo encontrar palavras para expressar meu amor e agradecimento. Ao meu marido Henrique que, além do privilégio de tê-lo ao meu lado, em todos os momentos me incentivou a fazer o melhor, a olhar o lado positivo das situações, mas que principalmente me amou, e a quem eu amo muito. Aos meus pais Luiz e Isa, a quem amo e que, além de me ensinarem os princípios de vida que até hoje tenho prazer de seguir, de formas particulares me incentivaram na conclusão deste trabalho. Aos meus irmãos, Melissa e Luiz, por fazerem parte da melhor parte da minha vida, e com quem eu realizei as primeiras pesquisas, que confirmem nossos pais. Ao meu cunhado Diogo, também expresso minha gratidão pelo companheirismo e amizade que me demonstra. E em especial à minha sobrinha Camila, que chegou em 2008 para completar a alegria da família. Amo todos vocês!

Aos meus amigos também gostaria de expressar minha alegria por compartilhar minha vida com vocês. À Mary, que me viu crescer e a quem eu guardo no coração. À Célia Soares, Daniela Chagas, Denise Martins, Gabriela Gelli, Marina Gurgel e Patrícia Malzone, só tenho a agradecer por vocês existirem e estarem por perto. Só de lembrar de vocês já fico feliz! À Carol Sertório, Camila Oliveira e Gislene Sampaio, amigas do meu coração, independente da hora e do lugar, amo muito vocês! À Gisele Alves e Mayra Souza, que nestes anos além de colaborar na minha pesquisa, se demonstraram como verdadeiras amigas para mim. Em momentos difíceis muitas vezes olhei e elas estavam lá,

obrigada Gi e Má. À Bruna Trevisan que se empenhou em colaborar na minha pesquisa de forma única e a quem admiro muito, meu muito obrigada Bru! Ao Fabiano Koich, Lucas Carvalho e Rodolfo Ambiel, que realmente considero pessoas especiais e amigas. Ao Lucas, em especial, por toda colaboração nas análises dos meus resultados, não tenho como agradecer.

À minha orientadora Anna Elisa, meu agradecimento especial por todo enriquecimento que me proporcionou nestes anos de parceria. Com toda sinceridade de coração, posso dizer que suas contribuições na minha vida foram além do profissional, e hoje agradeço muito por todo apoio e carinho. Meu agradecimento também a todos os amigos que fazem parte do LAPSaM, e com quem compartilhei esta jornada, em especial à Flávia pela colaboração na pesquisa, e à Renata e Lucila.

À Prof. Latife Yazigi e ao Prof. Ricardo Primi, que além de acrescentarem muito como parte integrante da minha banca, me forneceram importantes instruções e apoio para realização deste trabalho. Com carinho especial quero agradecer a Prof. Ana Paula Porto Noronha que, não somente nesta pesquisa, mas desde minha graduação, tem colaborado muito com meu desenvolvimento profissional e por quem tenho profunda admiração.

Ao pessoal da equipe Zumm de Natação Master de Bragança Paulista, fico feliz de compartilhar meu crescimento com vocês. Em especial ao Igor Russi, que esteve me auxiliando de várias formas no desenvolvimento deste trabalho e no meu enriquecimento pessoal. À equipe da Academia de Natação e Ginástica Albatroz, que abriu as portas para o meu trabalho e onde também pude encontrar ótimos amigos.

Agradeço também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro que viabilizou a presente pesquisa.

Resumo

Pianowski, G. (2010). *Evidências de validade da Localização e Qualidade Formal do Rorschach pelo Sistema Compreensivo no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.

O método de Rorschach pelo Sistema Compreensivo (SC) constitui-se um importante instrumento de avaliação da personalidade, reconhecido nacional e internacionalmente. Inseridos no SC, encontram-se o Atlas de Localização e a Lista de Qualidade Formal (FQ), categorias de codificação, referentes ao mapeamento das manchas de tinta Rorschach e a listagem dos códigos condizentes à qualidade formal dos conceitos atribuídos a estes recortes, respectivamente. Suas interpretações fornecem dados sobre o modo de apreensão da realidade e a acuidade perceptiva dos sujeitos em avaliação. No Brasil, investimentos têm sido voltados para o Rorschach/SC, ressaltando-se um estudo recentemente realizado com a finalidade de construção de novos Atlas de Localização e Lista de FQ, e de busca de dados normativos nacionais. Verificou-se, em sequência, a necessidade de realizar pesquisas de validação para os esses novos achados, permitindo assim uma utilização confiável dos seus resultados. O presente estudo teve como objetivo buscar evidências de validade de critério para o Atlas de Localização e a Lista de Qualidade Formal brasileiros. Para a presente pesquisa foi levantada uma amostra de não pacientes proporcional, quanto a sexo, idade e escolaridade, ao grupo do estudo normativo citado, composta assim por 46 indivíduos do interior do estado de São Paulo, adultos, de ambos os gêneros, sendo 54% do sexo masculino, com idades entre 18 e 64 anos, e variados níveis de escolaridade, de Ensino Fundamental a Superior Completo. Foram utilizados o *Self Questionary Report* (SRQ-20), para critério de inclusão e exclusão da amostra, e o Método de Rorschach, aplicados em sessão única e individual. Para o presente trabalho foram realizadas comparações entre o desempenho de um grupo amostral de não pacientes quando codificados de acordo com o Atlas e Lista de FQ brasileiros e de acordo com os norte-americanos, utilizado até então, e comparações entre o desempenho dos indivíduos não pacientes com os dados obtidos no estudo normativo anterior, nas variáveis referentes à localização, que são, W, D, Dd e Dd99, e os índices e porcentagens referentes à qualidade formal, que são FQo, FQu, FQ-, X+%, Xu%, XA%, X-% e WDA%. Os índices *Kappa* revelaram concordâncias de satisfatória à excelente nas variáveis do presente estudo. As comparações, por meio da prova ANOVA, revelaram diferenças significativas, para os índices Dd, Dd99, XA% e X-%, e marginalmente significativo, para o índice FQ-, evidenciando maior sensibilidade na avaliação do modo de apreensão da realidade e da acuidade perceptiva, para o mapeamento e listagem brasileiros. Na comparação com o grupo normativo, as análises ressaltaram diferenças no desempenho dos grupos para os índices FQo, XA%, X+% e X-%, porém dentro da margem esperada para a população normativa em dados referenciais anteriores, o que revela coerência nos achados. Os resultados foram interpretados como evidências de validade para o Atlas de localização e a Lista de FQ elaborados no Brasil, o que aponta a importante contribuição das pesquisas brasileiras para o aprimoramento do Método do Rorschach/SC.

Palavras-chave: avaliação psicológica; métodos projetivos; avaliação da personalidade; validação; normatização.

Abstract

Pianowski, G. (2010). *Evidences of Validity in the Location and Formal Quality of Rorschach Comprehensive System (CS) in Brasil*. Masters Degree Dissertation, Post-Graduation Program *Stricto Sensu* in Psychology, Universidade São Francisco, Itatiba.

The Rorschach - Comprehensive System (CS) constitutes an important instrument of personality evaluation, nationally and internationally recognized. The Location Atlas and the list of Formal Quality (FQ) are scores categories that refer to the areas of the ink blots where someone see the response and FQ codes indicate the adequacy of the perception. Their interpretations provide data about the apprehension mode of reality and the perceptive accuracy of the subjects under evaluation. In Brazil, investments have been addressing to Rorschach CS, with emphasis on a study recently accomplished with the purpose of building new Location Atlas and FQ Lists as well as searching national normative data. Subsequently, it was verified the need of conducting validation researches for these new findings, thus permitting a reliable application of its results. This study aimed to search for evidences of criterion validity for the Brazilian Location Atlas and the Formal Quality List. For the present research, a non- patient sample, proportional as for the gender, age and education to the normative study group quoted was examined. This sample was composed of 46 adult individuals, both male and female, being 54% male, at the age between 18 and 64 years, with varied education degrees, from basic education up to university level, from São Paulo inland. The Self Questionary Report (SQR-20) and the Rorschach Method were utilized as a criterion of inclusion and exclusion of the sample, applied in a single and individual session. For this work, comparisons between the performing of a sample group of non-patients were carried out, when codified according to the Brazilian Atlas and FQ List and also according to the North-American ones, used until then. Also by comparisons between the performing of non-patients and the data obtained in the prior normative study, in the variables referring to the location, which are: W, D, Dd, and Dd99, and the indexes and percentages referring to the formal quality which are: FQo, FQu, FQ-, X+%, Xu%, XA%, X-% and WDA%. The Kappa indexes revealed agreements varying from satisfactory to excellent in the variables of this study. The comparisons through ANOVA proof revealed significant differences in the indexes Dd, Dd99, XA% and X-%, and marginally significant for FQ-, evidencing greater sensitivity to evaluate the reality apprehension mode and the perceptive accuracy in the Brazilian mapping and listing. In comparison with the normative group, the analyses highlighted differences in the performing of the groups for the FQo, XA%, X+% and X-% indexes, though within the margin expected for the normative population in prior referential data, which reveals coherency in the findings. The results were interpreted as evidences of validity for the Location Atlas and the FQ List elaborated in Brazil, fact that indicates the important contribution of the Brazilian researches to the upgrading of the Rorschach Method /CS.

Key-words: Psychological Evaluation; Projective Methods; Personality Evaluation; Validation; Standardization

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	xi
LISTA DE ANEXOS	xii
APRESENTAÇÃO	01
INTRODUÇÃO	03
O Método de Rorschach.....	03
Breve Histórico.....	07
O Sistema Compreensivo.....	14
Mapeamento e Qualidade Formal.....	18
O Atlas de Localização e a Lista de Qualidade Formal/ SC.....	31
O Rorschach/SC no Brasil.....	37
O Atlas de Localização e a Lista de FQ/SC brasileiros.....	42
Objetivos.....	50
MÉTODO	51
PARTICIPANTES.....	51
INSTRUMENTOS.....	52
PROCEDIMENTO.....	56
RESULTADOS E DISCUSSÃO	59
Concordância de codificação entre juízes	60
Atlas de Localização	62
Lista de Qualidade Formal (FQ)	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	81
ANEXOS	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Apresentação das localizações do Atlas brasileiro, pranchas I a V.....	46
Tabela 2. Apresentação das localizações do Atlas brasileiro, pranchas VI a X.....	47
Tabela 3. Distribuição de indivíduos quanto à faixa etária, escolaridade e gênero.....	52
Tabela 4. Índice de concordância <i>Kappa</i> para as variáveis de Localização e FQ.....	61
Tabela 5. Comparação da avaliação do grupo pelos Atlas brasileiro e norte- americano.....	63
Tabela 6. Frequência das Localizações Dd e Dd99 nos Atlas brasileiro e norte-americano, por prancha.....	64
Tabela 7. Correlações e Frequências das localizações D nos Atlas brasileiro e norte- americano, por prancha.....	66
Tabela 8. Comparação do desempenho entre grupos de acordo com Atlas brasileiro.....	69
Tabela 9. Comparação do desempenho do grupo pelas Listas brasileira e norte- americana.....	71
Tabela 10. Comparação das porcentagens de FQ pelas Listas brasileira e norte- americana.....	73
Tabela 11. Comparação do desempenho entre grupos de acordo com a Lista brasileira.....	75
Tabela 12. Descrição de incongruências nas codificações FQ- brasileiras, comparadas às norte-americanas.....	77
Tabela 13. Descrição de incongruências nas codificações FQ- norte-americanas, comparadas às brasileiras.....	78

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido86

APRESENTAÇÃO

O Método de Rorschach, instrumento de avaliação da personalidade amplamente utilizado e reconhecido nacional e internacionalmente, tem sido, desde sua publicação em 1921, por Hermann Rorschach, alvo de estudos e profundos investimentos para seu aprimoramento. Vários pesquisadores, ao longo do tempo, tiveram a iniciativa de sistematizar o método, bem como de fornecer bases confiáveis em sua utilização. Neste mesmo intuito, Exner, publicou o Sistema Compreensivo (SC), entendido como um manual padronizado de aplicação, codificação, mensuração e interpretação das respostas do Método de Rorschach (Exner, 1999).

No Brasil, o Rorschach/SC tem se mostrado como um importante instrumento de avaliação psicológica em vários contextos de atuação do profissional em psicologia. Tal relevância acentuou a necessidade de investimentos neste instrumento e sistema em contexto nacional. Entre outras importantes pesquisas, destaca-se o trabalho desenvolvido por Villemor-Amaral, Yazigi, Nascimento, Primi e Semer (2007), que objetivou a elaboração de um Atlas de Localização e uma Lista de Qualidade Formal (FQ) brasileiros, visto que tem-se utilizado atualmente o Atlas e Lista desenvolvido por Exner (1999).

Dada a importância dos resultados encontrados, e a da possibilidade de trazer acréscimos para a utilização confiável do instrumento em contexto nacional e, até mesmo, internacional, estudos direcionados para a busca de evidência de validade destes achados se fizeram imprescindíveis. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo buscar evidências de validade para o Atlas de Localização e para a Lista de FQ brasileiros.

O presente trabalho é estruturado em quatro seções, a saber: Introdução, Método, Resultado e Discussão, e Considerações Finais. Na primeira são apresentadas as bases teóricas usadas para o desenvolvimento da pesquisa, discorrendo sobre o Método de Rorschach, sua relevância e abrangência, seguindo de um breve histórico sobre o instrumento, que compreende o contexto de seu surgimento, e um panorama sobre os diferentes sistemas desenvolvidos. Num terceiro momento é então apresentado o Sistema Compreensivo (SC) organizado por Exner, suas características e contribuições. Em seguida, é exposto um sucinto delineamento histórico sobre o desenvolvimento do mapeamento das manchas e da listagem da qualidade formal, nos sistemas anteriores ao de Exner, para então introduzir o Atlas de Localização e a Lista de Qualidade Formal (FQ) do SC, apontando o papel e relevância destas categorias de codificação e interpretação dentro do sistema. Na sequência, estudos e pesquisas brasileiras com o Rorschach/SC são apontadas, dando então maior ênfase sobre o trabalho voltado para a elaboração de novos Atlas de Localização e Lista de FQ, finalizando com a descrição dos objetivos da presente pesquisa.

Após apresentação das bases teóricas, discorre-se sobre o Método empregado, compreendendo a caracterização a amostra estudada, os instrumentos utilizados bem como o detalhamento dos procedimentos tomados para a execução do estudo. Apresenta-se, em seguida, os Resultados e Discussão, detalhando, inicialmente, os índices referentes ao estudo de concordância entre juízes, passando então a explorar os resultados encontrados referentes ao Atlas e Lista de FQ brasileiros. Por fim, são oferecidas as Considerações Finais a respeito das contribuições do presente estudo, bem como dificuldades e sugestões para novas pesquisas. As referências teóricas são então disponibilizadas.

INTRODUÇÃO

O Método de Rorschach

O teste das manchas de tinta de Hermann Rorschach é reconhecido internacionalmente como um importante instrumento que colabora para uma avaliação psicológica aprofundada e abrangente. Sendo muito útil em vários contextos da atuação do psicólogo, tem destaque entre os instrumentos de avaliação da personalidade (Anastasi, 1977; Anzieu, 1989; Cunha, 2003).

O método criado por Rorschach foi primeiramente publicado em 1921. Nas décadas de 1940 e 1950 seu nome foi amplamente reconhecido e sua utilidade clínica ganhou notoriedade. A partir de 1960 passou a ser o teste mais utilizado em contexto clínico, o que permanece na realidade atual, apesar de alvo de várias críticas principalmente sobre suas qualidades psicométricas, algumas infundadas, porém outras que estimulam investimentos para fornecer ao método maiores respaldos científicos em sua utilização (Exner, 1993; Meyer, 2002).

Composto por um jogo de dez pranchas com manchas de tinta pretas, brancas e cinzas, algumas com o acréscimo do vermelho, e outras coloridas, o indivíduo em avaliação recebe a tarefa de dizer com o que estas manchas se parecem para ele, bem como sinalizar onde na mancha foi identificada a resposta, e ainda quais características da imagem estavam envolvidas nesta percepção. Os dados assim obtidos são classificados de acordo com um sistema de codificação pré-estabelecido, passando então a cálculos, relações e proporções, para então serem interpretados (Exner, 1999; Rorschach, 1974).

Apesar de amplamente usado, costuma ser alvo de críticas e discussões quanto à sua natureza, subjetividade e foco, o que demonstra a necessidade de investimentos em pesquisas que visem, sempre e cada vez mais, demonstrar sua cientificidade. De acordo com esta necessidade de constante revisão e aprimoramento, encontra-se um grande número de publicações e investimentos referentes a este instrumento, internacionalmente e também em contexto brasileiro (Exner, 1999; Weiner, 2000).

O Rorschach consiste em um instrumento que também provoca discussões quanto à sua natureza, sendo ora considerado um teste psicológico, devido às suas qualidades psicométricas e o considerável grau de padronização, ora um método, por gerar informações que podem ser interpretadas dentro de variadas abordagens teóricas sobre a personalidade humana (Exner, 1999; Weiner, 2000).

Além de frequentemente ser citado como um método projetivo, o Rorschach apresenta características que podem situá-lo também como um instrumento objetivo. Seu caráter projetivo se deve à presença de estímulos relativamente pouco estruturados e ambíguos, os cartões com manchas de tinta, que favorecem a expressão de conteúdos particulares e latentes do funcionamento psicológico, e possibilita a emissão de respostas direcionadas por conteúdos e características subjacentes à personalidade, de difícil acesso por outros meios de avaliação. Por outro lado, a tarefa padronizada do indivíduo identificar o que a imagem dos cartões poderia ser, leva-o a recorrer aos seus recursos internos de estruturação cognitiva, como atenção, percepção, associação, análise lógica e tomada de decisão. Esses processos serão evidenciados por um sistema de codificação e análise de respostas, com interpretações específicas, que caracterizam uma análise mais objetiva do

funcionamento psicológico, não associada diretamente a mecanismos projetivos (Weiner, 2000).

Por esta mesma razão, encontram-se considerações quanto à forma de investigação da personalidade que este método propicia, se seria mais voltada para a percepção ou para a associação em si. Para o criador do instrumento, Hermann Rorschach, o teste das manchas de tinta traria contribuições na avaliação das diferenças perceptivas das pessoas, estando assim relacionadas à estruturação cognitiva, e pouco enfatizava a relação das respostas do sujeito com os conteúdos simbólicos ou temáticos das respostas vinculadas às necessidades internas dos mesmos (Exner, 1969; Rorschach, 1974; Weiner, 2000). De qualquer forma, de acordo com Weiner (2000), assim como para seus seguidores, havia sempre referência implícita ao surgimento de conteúdos e características distintas nas respostas que explicitavam teores particulares ali projetados.

Com o tempo houve um aumento da ênfase no caráter projetivo das respostas, estudado por alguns pesquisadores do Rorschach, o que levou o instrumento a ser, basicamente, considerado um meio de investigar tais associações. Veio de Miale, em 1977, a iniciativa de, diante do aporte de vários estudiosos, propor uma análise que integrasse tanto a investigação dos processos de percepção como de associações provenientes do conteúdo, o que permanece, até o momento atual, caracterizando a abrangência do Rorschach em seus diferentes sistemas interpretativos, mesmo que estes inclinem mais seus componentes para uma ou outra direção (Weiner, 2000).

Ainda interligado à essas reflexões, levanta-se o questionamento sobre a direção que estas investigações tomam, se voltadas para a estrutura ou para a dinâmica da personalidade. A estrutura é entendida como características da personalidade mais

permanentes, correspondentes aos traços, bem como sentimentos e pensamentos atuais transitórios que constituem os estados. Já a dinâmica pode ser explicada como as relações entre traços e estados, como são mutuamente influenciáveis, suscetíveis a interferências advindas das circunstâncias externas, bem como características da natureza do indivíduo relacionadas às preocupações e necessidades que estariam por trás de comportamentos em momentos ou situações específicas (Weiner, 2000).

Em grande parte as discussões sobre a avaliação estrutural ou dinâmica que o Rorschach possibilita acompanharam e estiveram ligadas às evoluções sobre o caráter investigativo da percepção ou da associação, respectivamente. No entanto, há muito, os sistemas interpretativos do método têm percebido e reconhecido que ambas poderiam ser compreendidas pela análise tanto dos componentes perceptivos como das associações de conteúdo, extinguindo-se a tradição de atribuir relação direta da percepção à estrutura, e do conteúdo à dinâmica da personalidade. Além disto, os elementos que compõem a análise estrutural são mais carentes de investimentos que forneçam dados empíricos, enquanto a avaliação da dinâmica estaria mais suscetível à escolha pelo profissional, da sua abordagem da personalidade preferencial (Weiner, 2000).

Pelo citado, observando-se a complexidade do instrumento, bem como o alcance de suas possibilidades interpretativas, é de extrema importância que investimentos sejam realizados visando seu contínuo aprimoramento e atribuindo-lhe qualidades psicométricas que possibilitem a utilização cientificamente confiável por parte dos profissionais em Psicologia. Além de toda esta abrangência de idéias apresentada, a característica intrínseca aos instrumentos com pouca estruturação, abertura à vazão da imaginação e possibilidades diversas de respostas, reafirma e justifica a necessidade de estudos normativos, de precisão

e validade, que forneçam a elas confiabilidade em sua utilização (Anastasi, 1977; Anzieu, 1989; Anastasi & Urbina, 2000; Urbina, 2007).

Vale enfatizar que, neste trabalho, o Rorschach será considerado um método, entendendo que, devido ao seu caráter mais abrangente, o processo de testagem estaria incluso no método de Rorschach e, com isso, ressalta-se a possibilidade de explorar o instrumento nos dois âmbitos. Quanto à natureza investigativa, será abordada tanto suas características estruturais como dinâmicas, observando também sua possibilidade investigativa tanto das percepções como das associações de conteúdos.

Breve Histórico

O Teste das Manchas de Tintas surgiu de estudos realizados por Hermann Rorschach (1884-1922), psiquiatra suíço, que, a partir de 1911 passou a desenvolver experimentos com manchas de tintas. Por mais que não tenha sido uma idéia original de Hermann Rorschach a utilização de manchas de tintas para a avaliação psicológica, já havendo dados de tentativa de pesquisadores, como Binet e Henry em 1895/96, nos EUA, e outros pesquisadores europeus, é dele o reconhecimento por ter investido mais profundamente na idéia, e por ter focado sua avaliação não na imaginação, como priorizado anteriormente, mas na percepção e na personalidade como um todo (Anastasi, 1977; Exner, 1969).

O teste das manchas de tinta surgiu, no entanto, da observação de diferenças existentes na respostas dadas a um jogo chamado de *Klecksographie*, que se utilizava de manchas para estimular a criatividade, e era muito comum na Europa na época. Apesar de provavelmente estar ciente das iniciativas anteriores, julga-se que sua maior inspiração veio

quando Rorschach utilizou este jogo com um grupo de pacientes diagnosticados como esquizofrênicos, no hospital em que desenvolvia sua especialização em psiquiatria, e com um grupo de adolescentes estudantes de uma escola do Ensino Médio nas proximidades do hospital (Exner, 1969; Exner, 1993). Na ocasião, Rorschach observou, ainda que não sistematicamente, diferenças relevantes no desempenho dos dois grupos (Exner, 1969; Exner, 1993; Rorschach, 1974).

Observando-se que a sintomatologia da esquizofrenia apresenta distorção da realidade e percepção, os resultados divergentes entre os grupos constituíram incentivos importantes para se estudar a possibilidade de desenvolver um instrumento com base nestes estímulos, as manchas de tinta. Após um tempo de pouco investimento, Rorschach voltou a pesquisar o jogo das manchas de tinta, em 1917/18, agora sistemática e profundamente (Exner, 1969; Exner, 1993).

Durante alguns anos, até 1920, somou dados, tanto de pacientes com o diagnóstico de esquizofrenia, como não-pacientes, aos conhecimentos sobre a teoria gestáltica, e pôde assim organizar um sistema piloto de codificação que estava focado nas características das respostas dadas, trazendo dados interpretativos voltados tanto para o diagnóstico como para a avaliação de características peculiares da personalidade das pessoas estudadas (Exner, 1969; Exner, 1993; Rorschach, 1974).

Em 1921 então publicou a obra sobre seus estudos, intitulada Psicodiagnóstico. No manuscrito, Rorschach apresentou todo o seu experimento, trazendo dados importantes de como este instrumento que estava sendo desenvolvido possibilitava a avaliação da percepção, enfatizando que ainda era uma obra inicial e provisória que necessitaria de

maiores investimentos, porém que se demonstrou válida tanto para o campo da pesquisa como da avaliação psicológica (Rorschach, 1974).

Rorschach (1974) propôs, para a obtenção dos dados a serem interpretados, uma organização básica de aplicação, com a instrução de apresentar as manchas uma de cada vez, e perguntar “O que poderia ser isto?”. Para a organização dos dados de forma a poderem ser interpretados, Rorschach estipulou um sistema de codificação que incluía: o número total de respostas (R), as localizações possíveis (G, DG, D, Dd, Dbl, Do), o tipo de apreensão (Apr., relação existente entre as proporções das localizações), a sucessão (Suc., como as localizações se sucedem no protocolo), as respostas de forma (F), as respostas de movimento (K), as respostas que incluíam a cor (FC, CF e C), o tipo de vivência (relação entre as respostas K e a soma das respostas de cor), conteúdo humano inteiro e parcial (H e Hd), conteúdo animal inteiro e parcial (A e Ad), conteúdo referente a objeto inanimado (Obj.), conteúdo referente a paisagem (Pais.), porcentagem do surgimento de conteúdo anima (A%), e a relação percentual entre as respostas originais e o número de resposta global (O% ou Orig.%)

No entanto, Rorschach não chegou a postular uma teoria aprofundada sobre o Psicodiagnóstico que estava desenvolvendo. Sua morte prematura, em 1922, deixou as primeiras publicações sistemáticas do teste, suas possibilidades interpretativas e estrutura de codificação, ainda com grande abertura e necessidade de pesquisas voltadas para seu refinamento (Exner, 1969; Exner, 1993).

Sendo assim, pesquisadores interessados pelo estudo iniciado por Rorschach passaram a investir no aprimoramento e desenvolvimento do método ao redor do mundo. Na Europa, pesquisadores como Ombredanne e Canivet, Binder, Bohm, bem como o

desenvolvimento da Psicopatologia Fenômeno-estrutural trouxeram grandes contribuições para o instrumento. No entanto, neste estudo, serão mais profundamente enfatizadas as contribuições dos pesquisadores americanos Bruno Klopfer, Samuel Beck, Zigmunt Piotrowski, Marguerite Hertz, David Rapaport e Roy Schafer, que colaboraram para a ampliação do sistema de codificação e interpretação do Rorschach (Exner, 1969).

Os diferentes investimentos no método, apesar de ter contribuído substancialmente para a melhoria e expansão do mesmo, resultou na criação de diferentes sistemas, o que dificultava uma comunicação universal sobre o método de Rorschach. É importante ainda citar que, apesar das divergências existentes, encontram-se também muitos pontos convergentes entre os diferentes pesquisadores, observando, em especial, que todos mantiveram em grande parte as sugestões interpretativas dadas por Rorschach (Exner, 1969; Exner, 1993).

Segundo observa Exner (1969), dois motivos principais ocasionaram a criação de diferentes sistemas para este instrumento. O primeiro foi pelo fato de que nenhum dos estudiosos em questão teve contato direto com Rorschach, o que facilitaria o direcionamento dos estudos, e em segundo, e principal motivo, pelas diferenças contextuais a respeito da orientação teórica e prática em psicologia a qual cada sistematizador foi exposto, como explanado abaixo.

Bruno Klopfer foi intitulado Ph.D pela Universidade de Munique, em 1922. Sua base teórica estava contextualizada na psicologia germânica da época, no movimento psicanalítico então em destaque, mas, principalmente, na fenomenologia e na psicanálise Junguiana. Em 1933, já na Suíça, começou a estudar o Rorschach no Instituto Psicotécnico de Zurique. Baseado em suas orientações teóricas e contextuais, sua forma de estudar e

sistematizar as manchas de tinta teve grande ênfase na subjetividade, o que não significa necessariamente que seus estudos não tiveram validade normativa (Exner, 1969). Para Constantino, Flanagan e Malgady (1995), Klopfer teve seu sistema direcionado por sua experiência clínica, não oferecendo estudos sistemáticos sobre seus achados.

Já o sistema desenvolvido por Samuel Beck, o primeiro a ser documentado, esteve baseado em sua orientação behaviorista, mais dedicado à objetividade científica, apesar do seu contato com uma abordagem mais psicanalítica na Suíça. Beck era Romeno, mas cresceu nos EUA, passando pela Universidade de Harvard e, em 1932, completou seu doutorado na Universidade de Columbia, sobre o Rorschach. Seus estudos relacionados ao Rorschach começaram em 1927, e foi direcionado de uma forma mais conservadora. Verifica-se que Beck foi o único sistematizador que teve contato direto com alguém próximo a Hermann Rorschach, que foi Oberholzer, em Zurique, o que pode então justificar sua tendência conservadora aos estudos de Rorschach (Exner, 1969). Beck, segundo Constantino, Flanagan e Malgady (1995) estava fortemente orientado por uma base psicométrica, porém direcionou seus estudos mais fortemente para a obtenção de referências normativas.

Zigmunt Piotrowski, pesquisador polonês, passou pela Universidade de Sorbone em Paris, recebeu seu título de Ph.D. em 1927 pela Universidade de Poznan, na Polônia, seguindo para os EUA onde realizou seu trabalho de pós doutorado em psicologia clínica. Seu envolvimento com o estudo das manchas de tinta começou sob orientação de Klopfer, em seu primeiro seminário sobre o instrumento, realizado em 1934. Porém aos poucos, apesar de ter contato com as tradições européias e a fenomenologia, direcionou seus estudos para uma linha mais behaviorista, então, mais próxima ao pensamento e

sistematização de Beck. Sua ligação com Klopfer durou aproximadamente 2 anos, passando assim a desenvolver um sistema independente baseado em seus conhecimentos matemáticos e lógicos, no entanto direcionando-o para o estudo de psicopatologia, da avaliação integral da personalidade e das interações psicossociais (Exner, 1969). Os autores Constantino, Flanagan e Malgady (1995) comentam que, Piotrowski conduziu seus trabalhos com o Rorschach, em grande parte baseado em sua concepção clínica.

A pesquisadora Marguerite Hertz, doutora pela Universidade Western Reserve, em 1932, trabalhava em uma fundação de assistência global a crianças, quando conheceu a técnica das manchas de tinta, em momento de crescente desmotivação pessoal com os testes de personalidade da época. Assim, passou a estudar o Rorschach em uma amostra de crianças, como um tópico da sua tese, que trouxe importantes reflexões sobre a falta de dados normativos sobre a técnica, o que a impulsionou a novas investigações pós-doutorado. Seus estudos iniciaram num direcionamento mais quantitativo semelhante ao de Beck. Ao longo do tempo, entretanto, seu pensamento moderadamente tomou um rumo mais clínico e subjetivo, semelhante ao de Klopfer, porém com discordâncias em vários pontos. Seu sistema foi tomando, mais que qualquer outro, uma aparência menos norteadada pela abordagem psicanalítica (Exner, 1969). De acordo com Constantino, Flanagan e Malgady (1995), Hertz, assim como Beck, buscou um rumo mais psicométrico, porém voltado para a busca de dados normativos.

David Rapaport, por fim, começou seu investimento no Rorschach por volta do ano 1930, tendo publicado um estudo sobre os testes projetivos em 1942, no qual o Rorschach foi um dos instrumentos rigorosamente avaliado, mas sua primeira publicação específica a respeito foi feita somente em 1946, sob o título de *Diagnostic Psychological Testing*.

Rapaport tinha uma orientação psicanalítica forte. Seu trabalho foi interrompido por sua morte, em 1960, e assumido por um de seus seguidores, Roy Schafer, que, desde 1943 acompanhava seus trabalhos. O posicionamento tomado pelo sistema de Rapaport/Schafer foi o mais singular, com diferentes procedimentos, pontuações e por uma interpretação bastante voltada para o conteúdo das respostas (Exner, 1969). Assim, Constantino, Flanagan e Malgady (1995) acrescentam que o sistema de Rapaport/Schafer inicialmente foi orientado pela prática clínica, mas, ao longo dos estudos, por perceber sua necessidade de ampliar seu conhecimento sobre métodos experimentais e estatísticos, buscou associar-se com um grupo de pesquisadores nesta linha.

Em vista desta variedade de sistemas e dadas às características do método que exige manejo adequado e criterioso do instrumento e do sistema de codificação eleito, consistente conhecimento sobre a dinâmica e a estrutura da personalidade, bem como sobre os aspectos da percepção e da associação do indivíduo, torna-se explícito a relevância em se estruturar um sistema de codificação e interpretação fiel ao exame proposto, que forneça respaldo aos seus utilizadores. Além disto, como afirma Nascimento (2008) verificou-se que a maioria dos utilizadores do método não se apropriava de um único sistema de interpretação, e ainda, em alguns momentos, além da combinação de sistemas, inseriam dados de diferentes abordagens, resultando em formas pessoais de utilização do Rorschach.

Veio então dos maiores estudiosos do Rorschach o apoio para a iniciativa de John Ernest Exner Jr., psicólogo norte-americano, de criar um sistema integrado. Tal iniciativa deu origem ao Sistema Compreensivo (SC), que visava, além de consagrar a relevância do método, possibilitar maiores trocas e crescimento em variados contextos e culturas (Exner, 1993; Weiner, 2000).

O Sistema Compreensivo

O Sistema Compreensivo (SC) de Exner surgiu com o intuito de integrar a contribuição dos principais estudiosos deste método, selecionando os itens, códigos ou indicadores que apresentavam melhores qualidades psicométricas, ou seja, que se mostravam confiáveis e válidos em sua interpretação. Sua primeira apresentação foi em 1974 com o nome de Sistema Compreensivo, no original *The Rorschach: A Comprehensive System*, assim denominado por abranger ordenadamente as descobertas consideradas de grande valor até o momento (Constantino, Flanagan & Malgady, 1995; Exner, 1993; Exner, 1999).

O SC é entendido como um sistema padronizado de aplicação e codificação das respostas obtidas no Rorschach, possibilitando uma forma universal de classificação. Esse trabalho favoreceu a utilização do Rorschach de forma criteriosa, a comunicação internacional de estudos e pesquisas, o que tem beneficiado o aprimoramento, e a expansão da utilização desse importante método de avaliação da personalidade, mundialmente. Com esta sistematização, o teste de Rorschach passou a compreender então o rigor psicométrico necessário, apresentando bom grau de concordância entre juízes em sua codificação, bom grau de fidedignidade e variância de erro mínima, interpretações suficientemente válidas, e dados normativos e referenciais padronizados para a população (Constantino, Flanagan & Malgady, 1995; Exner, 1999; Weiner, 2000).

Motivado pela necessidade de ampliar as qualidades psicométricas do teste, Exner buscou selecionar os itens mais confiáveis com base nestes parâmetros e, segundo Constantino, Flanagan e Malgady (1995), todas as decisões tomadas, de inclusão ou exclusão de indicadores, foram baseadas em pesquisas consistentes que assim direcionaram

a formação do novo sistema. Para os autores, Exner, na organização do Sistema Compreensivo, foi além dos trabalhos anteriores, pois abarcou estudos de evidências de validade e precisão, até então não realizados.

Os indicadores encontrados, em grande parte, estavam relacionados à análise da estruturação cognitiva o que derivou críticas quanto à diminuição da ênfase nos conteúdos temáticos, que até hoje vigoram em alguns meios. Ao longo do tempo, outros pesquisadores, não sendo uma iniciativa de Exner, puderam ampliar a composição do SC abrangendo então muitas codificações e interpretações que se comprometiam com as características temáticas das respostas (Weiner, 2000). Assim sendo, o SC abarca tanto a investigação das características estruturais cognitivas quanto a das associações de conteúdo projetivo (Anastasi & Urbina, 1997; Weiner, 2000).

Após então profundo estudo, a codificação das respostas de acordo com o Sistema Compreensivo resultou em oito grandes categorias: Localização, Qualidade Evolutiva (DQ, em inglês *Developmental Qualit*), Determinantes, Qualidade Formal (FQ, em inglês *Formal Qualit*), Conteúdos, Conteúdos Populares, Atividade Organizativa e Códigos Especiais. Suas interpretações fornecem características afetivas, interpessoais, aspectos cognitivos, de ideação, mediação e processamento da idéia, dados sobre a auto-percepção, e também conteúdos preponderantes, que seriam reconhecidos como aqueles que emergem da projeção de conteúdos particulares a determinado indivíduo (Exner, 1999).

Em primeiro lugar, a localização, é verificada por meio do Atlas de localização, correspondente à parte da mancha em que aquela resposta foi vista. Em seguida a qualidade evolutiva (DQ) é atribuída para designar a qualidade da resposta, ou seja, o quanto ela envolve processamentos cognitivos mais ou menos elaborados. Então levanta-se as

características da mancha, os determinantes, que motivaram a escolha do avaliando pela resposta dada, podendo envolver a forma, impressão de movimentos, cores cromáticas e acromáticas, sombreados, dimensões, percepção de pares e reflexos. Posteriormente, de acordo com a lista de FQ, define-se a qualidade formal da resposta dada, que se refere ao grau de acuidade perceptiva (Exner, 1999).

Segue-se a codificação referente aos conteúdos presentes nas respostas, relacionados às categorias gerais às quais os objetos e conceitos nomeados pertencem, e os que se caracterizam como populares, que ocorrem com uma frequência muito alta nos indivíduos (acima de 25%). Passa-se à verificação e codificação da presença de atividade organizativa, que expressa como o indivíduo tende a organizar os estímulos e se este esforço é suficiente ou não, e por fim codifica-se características de verbalizações, combinações, lógica, integração, conteúdos ou fenômenos incomuns nas respostas, que são os códigos especiais (Exner, 1999).

A codificação de todas estas categorias se torna essencial para possibilitar o correto preenchimento do Sumário Estrutural, que contém os cálculos, proporções, razões, porcentagens e derivações numéricas passíveis de serem interpretados de acordo com a teoria que as embasa. O sumário possibilita mensurar ou enumerar as variáveis relacionadas às características afetivas, interpessoais, de auto-percepção e cognitivas, bem como trazer a frequência de cada codificação específica (Exner, 1999).

O sumário estrutural é organizado numa folha que contém a sequência das codificações, e em outra que é composta pela frequência de cada código específico utilizado e pelos cálculos das combinações destas variáveis, que são os resultados passíveis de interpretação. A sequência de codificação corresponde à codificação de cada resposta,

contemplando todas as categorias propostas no SC, ordenadas de acordo com a sequência que a resposta foi vista, da 1ª para a 10ª prancha. Em seguida, na seção superior do sumário estrutural, anota-se a frequência que cada código apareceu no protocolo estudado, contemplando, da mesma forma, todas as variáveis que compõem o SC. Por fim, passa-se aos cálculos das combinações destas variáveis, na seção inferior do sumário (Exner, 1999).

A seção inferior corresponde então à parcela do protocolo mais diretamente interpretável. Dela fazem parte sete blocos de dados, a saber: a seção principal, que contém 16 registros e está relacionada às habilidades do indivíduo em resolver as diferentes situações de forma eficaz ou não, utilizando assim de seus recursos disponíveis; a seção do afeto, que inclui sete registros correspondentes às características pessoais de afetividade, considerando a maneira como a pessoa lida com as emoções existentes; a seção interpessoal, contendo seis registros dispõem de dados sobre a forma como a pessoa vivencia e atua em relações interpessoais, bem como de que forma enfrenta as demandas sociais; seção do processamento, que contém seis registros, referentes a como o indivíduo captura informações do meio e as incorpora; a seção da mediação, com seis registros, traz então como a pessoa media estes estímulos internalizados, traduzindo-os para o campo das idéias; a seção da ideação, contendo 8 oito registros que fornecem dados sobre a finalização do processo de formação de idéia; e a seção de autopercepção, composta por cinco registros que fornecem subsídios quanto a maneira como a pessoa percebe a si mesmo (Exner, 1999; Exner & Sendín, 1999). Para o presente estudo serão utilizados o Atlas de Localização e a Lista de Qualidade Formal (FQ), com seus correspondentes no sumário estrutural.

O Mapeamento e a Qualidade Formal: *acuidade perceptiva e modo de apreensão da realidade*

Desde o desenvolvimento do Psicodiagnóstico, Rorschach (1974) enfatizou, como já citado anteriormente, a relação da interpretação das imagens não estruturadas com a percepção e a compreensão. Baseado em teorias de Bleuler em 1916, o criador do instrumento argumenta que as imagens apresentadas teriam a capacidade de eliciar sensações já vivenciadas em experiências anteriores, evocando-as, para por fim estabelecer uma associação entre as lembranças e a imagem observada, formando a idéia. Este movimento envolve, então, três processos, o de sensação, o de evocação e o de associação.

Discorrendo sobre o caráter perceptivo do teste, e sobre a idéia de interpretação das manchas por parte dos examinandos, Rorschach (1974, p.17) explica-a como “*uma percepção, na qual o trabalho de assimilação entre o complexo de sensações e o engrama é tão grande que por esta razão é percebido intrapsiquicamente, como trabalho de assimilação*”, ou seja, considera a interpretação como um caso especial de percepção. O criador do instrumento concluiu ser adequado chamar a testagem pelas manchas de tinta como uma prova de percepção. Em outro momento, Rorschach define que a prova das manchas de tinta poderia também trazer dados sobre a inteligência e seus componentes separadamente, onde, mais especificamente se situa o chamado por ele de “*acuidade da visão das formas*” (1974, p.24). Das categorias por ele elaboradas, o mapeamento das manchas e a qualidade formal das respostas teriam grande importância nesta possibilidade de avaliação.

O mapeamento das manchas de tinta esteve presente neste método desde sua primeira publicação, por Rorschach, em 1921. Tal divisão se daria pela forma de apreensão

das imagens, se num todo, considerando como resposta global (G), se em detalhes mais fáceis ou destacados, que estão em maior evidencia de acordo com a distribuição da figura no espaço, que seriam as respostas-detalle (D), ou ainda se em detalhes menores, chamado de respostas de pequeno detalhe (Dd). Segundo ele o sujeito normalmente tende a fazer um trabalho de sucessão, buscando apreender as manchas em um primeiro momento de forma total, em seguida para os detalhes mais comuns e por último analisando os detalhes menores, numa sequência de G-D-Dd (Rorschach, 1974).

Além da classificação em G, D e Dd, Rorschach (1974) trabalhou com as localizações G de forma mais aprofundada, atribuindo também a elas uma codificação referente ao modo como o indivíduo se organizou cognitivamente para dar a resposta. As respostas de localização eram subdivididas então em: as globais primárias, que seriam as respostas que consideravam a mancha como um todo, de forma bem vista, podendo ainda ser do tipo simultâneo-combinatória; e as globais secundárias, que seriam as globais originadas de algum tipo de processamento que compromete o raciocínio e percepção coerentes da imagem, e poderiam ser dos tipos sucessivo-combinatória, confabulatória, confabulatória-combinatória e contaminada.

Em relação às respostas de detalhe, apesar de alegar que estas também poderiam ser subdivididas em primárias e secundárias, Rorschach (1974) julgou tal subdivisão desnecessária. Para estas, subdividiu ainda em duas classificações consideradas importantes, que seriam as formas intermediárias (Dbl), apreensão do espaço em branco entre as manchas, e os detalhes oligofrênicos (Do), que seriam as respostas parciais do corpo humano onde normalmente se identificaria um humano inteiro.

Sobre o caráter interpretativo destas categorias de codificação, Rorschach (1974) observou, em primeira instância, que somente o número absoluto das respostas globais teria algum significado por si só, enquanto, em sua maioria, o que poderia ser interpretado eram as proporções destas codificações, G-D-Dd, e a sucessão destas nas dez pranchas. As interpretações seriam voltadas para o modo de apreensão da figura, se coerente, sintético, ou detalhista, podendo gerar explicações sobre a riqueza/pobreza no processo de associação, sobre a inteligência, e ainda sobre as expressões comportamentais mais ou menos comuns de acordo com um processamento cognitivo mais ou menos rígido.

Em sua publicação, Rorschach (1974) também buscou avaliar estatisticamente as respostas dadas às manchas para definir quais conceitos seriam entendidos como formas bem vistas, e quais conceitos seriam situados como formas mal percebidas, o que iniciou a sistematização da Qualidade Formal no teste das manchas de tinta. Para isto ele selecionou as formas vistas comumente por um grupo considerado por ele representativo, cerca de 100 sujeitos sadios, da população que estudou, e para estas classificou como +, que seriam as chamadas formas boas. Para as formas consideradas mais elaboradas, a classificação permaneceria +, e para as restantes, não frequentemente vistas ou mal percebidas, classificou como -. O autor ainda deu destaque para respostas consideradas por ele como originais. As respostas consideradas originais eram as encontradas em uma a cada cem, e poderiam também ser consideradas como forma bem ou mal vistas. A qualidade formal dada então às respostas poderia trazer dados sobre a acuidade da visão das formas, ou a acuidade perceptiva, e, segundo Rorschach (1974, p.24), ela seria “*capaz de examinar separadamente diferentes componentes daquilo que habitualmente costumamos chamar de inteligência*”.

É importante ressaltar que, em todo momento, Rorschach traz observações e pontuações quanto às diferenças perceptivas encontradas em sujeitos com diferentes psicopatologias, e os considerados normais, o que fornece dados sobre a estreita relação existente entre o processamento perceptivo e os momentos afetivos, por ele assim designados (Rorschach, 1974). Pela sua morte prematura, segue as contribuições de outros estudiosos, como descritas por Exner (1969).

Beck apresentou um sistema de codificação muito semelhante ao de Rorschach. Sendo assim, seu mapeamento seguiu as idéias originais no sentido das codificações usadas em 1921. Porém Beck enfatizou com grande veemência a importância de atribuir critérios estáveis e comprovados cientificamente para as codificações de localização e também para a padronização das respostas que apresentam boa e má qualidade formal. Apresentou as codificação W, DW, S, D e Dd. A diferença principal era que Beck incluiu o cálculo da frequência dos recortes que surgiam nas respostas, para então defini-los como D, para os mais frequentes, ou Dd, para os menos frequentes, não utilizando o critério do tamanho do detalhe, como usado por Rorschach. Além disto, passou a utilizar o S sempre associado a uma localização W, D ou Dd, e eliminou o código Do da categoria de Localização incluindo-o nos escores de conteúdo (Exner, 1969).

A respeito da qualidade formal, Beck permaneceu com a codificação sugerida por Rorschach, F+, para as formas bem vistas, e F-, para as formas mal vistas. Porém, realizou estudos de frequências para expansão e padronização dos conceitos definidos e sugeriu que as codificações + e - fossem separadas do determinante F. Assim elaborou uma tabela extensa com os conceitos analisados e definidos como + e -. Além disso, Beck acrescentou o cálculo da porcentagem às respostas F+. A importância de sua busca por padronização foi

justificada pela impossibilidade de se ter uma análise confiável da percepção dos sujeitos, sem pré-estabelecer criteriosamente a qualidade formal dos conceitos, o que diminuiria assim o viés da própria percepção do examinador no protocolo (Exner, 1969).

Sobre as interpretações sugeridas por Beck, pode-se dizer que ele trouxe para alguns índices de localização algumas relações específicas com características da personalidade dos sujeitos, mas principalmente considerando as proporções das localizações. Para ele, os dados trariam informações quanto ao manejo pessoal de problemas, e sobre a flexibilidade pessoal para mudanças. Também suas interpretações quanto à qualidade formal continuaram na direção de favorecer uma análise da acuidade perceptiva, bem como da capacidade adaptativa do sujeito frente à realidade. No caso da porcentagem F+%, Beck introduziu uma relação entre estas e as funções do ego, baseado assim na teoria psicanalítica (Exner, 1969).

O sistema desenvolvido por Klopfer apresentou modificações quanto ao mapeamento das manchas de tinta em relação ao classificado por Rorschach em 1921, que incluía seis possibilidades classificatórias. Durante 26 anos, entre 1936 e 1962, acrescentou algumas codificações, resultando na possibilidade de classificação de nove localizações, que são: W, para respostas que usavam a mancha toda e para as que mostravam intenção de usar a totalidade, mas omitia alguma parte, elaborando a idéia de W cortada; DW, para as respostas confabulatórias, na qual a partir de um detalhe o indivíduo generaliza e dá uma resposta incluindo a mancha toda, porém com um nível formal menos aguçado; S, para qualquer utilização do espaço em branco; D, para a utilização de um detalhe comum e maior da mancha; d, para a utilização de um detalhe comum e menor da mancha; dd, para a utilização de detalhes inusuais da mancha; de, para a utilização de apenas o contorno em

algum detalhe da mancha, sem aproveitar o preenchimento para a resposta; di para respostas com destaque de um detalhe sombreado da mancha; e dr, para um detalhe raro da mancha (Exner, 1969).

Segundo Exner (1969), Klopfer discordava de Beck na forma com que quantificou as respostas como + ou -, por alegar que uma forma pode ser bem vista, porém não tão frequente. Para Klopfer não deveria ser feita uma relação entre frequência de surgimento das respostas e a acuidade perceptiva, ou seja, para definir quais respostas seriam de boa qualidade formal ou ruim. Para ele, somente, as frequências seriam um parâmetro de comparação para que esta codificação fosse facilitada. Sendo assim, passou a definir que a símbolo F+ somente quando resposta envolve uma percepção da forma altamente perspicaz, acima da média de acuidade normal, com boa organização, sendo assim atípica às respostas populares e convencionais. Para então as respostas convencionais, atribui ao código F apenas, e F- para aquelas discrepantes no aspecto formal, ou aquelas respostas arbitrárias, confabulatórias, mecânicas e perseverativas.

É importante ressaltar que Klopfer introduziu a idéia de se atribuir qualidade formal a respostas que incluíam outros determinantes juntamente com o aspecto formal, não somente para as respostas de forma pura (F). Ainda, a qualidade formal foi classificada de forma quantitativa, de acordo com o nível formal, em uma escala de -2.0 a +5.0, com intervalos de 0.5, levando em consideração quão semelhante ou não é o conceito da forma demarcada na mancha (Exner, 1969).

Klopfer organizou suas interpretações em três categorias, a saber: as análises quantitativas, as análises sequenciais e as de conteúdo. A quantidade das respostas de localizações deveria estar associada às qualidades destas formas, para então designar o

nível de apreensão e integração, bem como a capacidade intelectual do indivíduo. Para ele as localizações e suas porcentagens, incluídas nas análises quantitativas e sequenciais, teriam relação com a abordagem intelectual e organizacional (W), a possibilidade de identificação dos fatos convencionais, tais como se apresentam (D) e ainda, de se prender a detalhes inusuais, tomando uma postura mais crítica (d). Suas proporções indicariam qual a tendência do sujeito de apreender a realidade a sua volta. Para tanto foi estabelecido uma porcentagem considerada normal para o surgimento das variadas localizações, dentro da qual o sujeito poderia ser considerado como possuidor de uma abordagem intelectual equilibrada. Tal modo de apreensão estaria relacionado a como o sujeito consegue relacionar e diferenciar as experiências e aspectos do seu cotidiano, e sua tendência a integração ou fragmentação destas (Exner, 1969).

Os níveis de qualidade formal por ele designado estariam grandemente relacionados com as capacidades intelectuais dos indivíduos. Klopfer argumentava que os níveis de qualidade formal estariam relacionados à inteligência e ao nível de organização intelectual, sendo assim, os que obtinham um nível de qualidade formal baixo provavelmente teriam algum tipo de processo de deterioração mental. Para ele as sequências atribuídas a estes escores seriam semelhantes às sucessões de Rorschach e determinariam a capacidade intelectual e lógica do indivíduo, bem como seu controle mental (Exner, 1969).

O Sistema desenvolvido por Piotrowski, por sua vez, demonstrou grande interesse em padronizar e estabelecer critérios estáveis nos quais as interpretações fossem mais coerentes e confiáveis, à semelhança de Beck. Para as codificações de localização, Piotrowski, apesar de inclinado à classificação de Klopfer, não utilizou suas codificações referentes a detalhes raros e incomuns e não aderiu às respostas W cortadas, e, ao contrário

de Beck e Klopfer, manteve a codificação Do original de Rorschach. Sendo assim, sua grade classificatória das localizações abrangia respostas W, DW, somente para respostas confabulatórias, D, baseado na frequência em que os detalhes maiores aparecia, d, para respostas não incluídas nas outras categorias, S, sugerindo que o espaço branco fosse também subdividido pelo tamanho (S, para detalhe maior, e s para menor), e Do, como originalmente Rorschach definiu, um detalhe interpretado como o todo. Destaca-se também que as respostas D poderiam, raramente, ser classificadas como Dr, quando uma área D estava associada a uma s, ou então quando duas áreas D eram combinadas (Exner, 1969).

Sobre a qualidade formal, Piotrowski, assim como os outros sistematizadores, permaneceu com os símbolos + e – para designar qual a qualidade envolvida no conceito de acordo com a área demarcada. Se uma resposta corresponde adequadamente aos contornos da mancha tão bem, ou melhor, que os conceitos frequentemente vistos naquele recorte, poderia assim ser codificada como uma boa forma (F+), e, ao contrário, como uma forma pobre (F-). Ainda, acrescentou que alguns objetos não possuem uma forma específica e bem definida, porém não são informes, e, para estes, deveria ser classificado como F+- (Exner, 1969).

Para Piotrowski, a definição da qualidade formal também dependia da comparação das respostas com um padrão baseado na frequência do surgimento dos conceitos em pelo menos um terço da população saudável, o que foi considerado por ele o padrão mínimo de adequação formal para classificação de F+. Assim como Klopfer, enfatizou que existem respostas com adequação formal até mesmo superior às populares, o que ele chamou de original, que, apesar de não serem comuns, apresentam uma acuidade perceptiva alta e

devem ser classificadas como F+, o que demonstra, que a frequência por si só não é suficiente para a codificação de qualidade formal (Exner, 1969).

Porém, Piotrowski foi além pontuando que, caso intente-se basear em frequência, haveria necessidade de fazer uma lista longa e detalhada com as respostas que deveriam ser consideradas F+ e também as F-. No entanto, por tentativas anteriores de Ovsiankina, o primeiro documentado, e mesmo de Beck, Piotrowski observa que os critérios usados apresentavam incongruências que impossibilitavam que estas listas fossem suficientes e confiáveis na classificação em questão. Sendo assim, permaneceu utilizando a comparação com respostas populares (Exner, 1969).

Passando a interpretação destes índices, pode-se dizer que Piotrowski deu grande ênfase na ampliação das possibilidades interpretativas relacionadas às localizações, individualmente, quando apresentam frequência alta, e em proporções e porcentagens. Para ele também as relaciona, principalmente as W, à capacidade intelectual, acrescentando assim que são dados indicativos de habilidade de organizar, sintetizar, planejar e desenvolver os planos. As respostas de localização D, por sua vez, poderiam trazer informações sobre o enfrentamento dos problemas cotidianos, enquanto as d teriam relação com a inclinação do sujeito a se prender a minúcias não necessariamente relevantes, porém podendo ser importante em relações sociais, já que estas muitas vezes exigem atenção a detalhes menores. Ampliou também a ênfase nas respostas de espaço em branco (S), atribuindo a elas não especificamente o caráter negativo e oposicionista até então argumentado, mas sim a uma facilidade para lidar com as dificuldades, os desafios e discordâncias de uma maneira mais firme e segura. As DW como tendência à

impulsividade e a precipitação, afirmando que esta dificilmente surgiria em protocolos de adultos saudáveis, o que contraria as discussões de Beck a respeito (Exner, 1969).

As respostas formais e principalmente as consideradas originais também foram relacionadas com a capacidade intelectual. Para Piotrowski a análise da qualidade das respostas é tão ou mais importante que a frequência destas. Para isto, acrescentou alguns cálculos de porcentagem, como o $W\%$, que seria o somatório das $W+$ com as WS , divididas pelo total de respostas W , que traria informações sobre a capacidade de planejamento do indivíduo (Exner, 1969).

Em relação às respostas formais, Piotrowski enfatiza a grande contribuição encontrada na literatura do Rorschach, em 1921, sobre seu caráter analítico da percepção. Neste sentido, ele argumenta que as respostas de forma fornecem dados sobre os processos intelectuais e racionais envolvidos no comportamento e atividades dos sujeitos. Para ele, a relação das respostas de F com a qualidade formal destas é essencial para entender como o indivíduo vivencia a realidade efetivamente. Discute também que a qualidade formal possibilita extrair informações quanto a tendência à meticulosidade, mas principalmente quanto à capacidade criativa ou convencional e a preocupação com o auto-controle, e indícios de psicopatologias (Exner, 1969).

Hertz, por sua vez, iniciou sua sistematização das localizações de forma muito semelhante ao Rorschach, acrescentando com o tempo a noção de W cortado usado por Klopfer, e utilizou símbolos das respostas de espaço branco S e s e das de detalhe semelhante a Piotrowski. Sua classificação abrange então respostas W , sendo as totais ou com um ou dois detalhes omissos, as DW , combinatórias ou contaminadas, D , detalhes normais segundo normas estabelecidas por estudos em 1935 e 1936, Dr , como detalhe não

frequentemente visto, DF ou Drf, que seriam as respostas Do de Rorschach, S, para os espaços brancos frequentemente vistos, e s, para os espaços brancos raramente vistos (Exner, 1969).

Hertz também manteve os símbolos + ou – para qualidade formal. Apesar de criticar Beck inicialmente por sua inclinação a estabelecer frequências para estas codificações, ela se aproximou do direcionamento estabelecido por ele. Sendo assim usou três critérios para classificação da qualidade formal, que seriam: respostas que receberam a frequência maiores que 13 no grupo estudado seriam consideradas F+; os conceitos que foram infrequentes, mas se assemelham a algum grupo ou classe de formas, seria somado a elas e classificado como F+; e ainda as respostas que não se enquadravam em nenhuma categoria anterior seriam analisadas por três a cinco juízes para então ser definida sua qualidade formal. Hertz assim elaborou uma lista muito ampla de respostas, considerando que a codificação + e – deveria ser usado independente da codificação F. A lista de qualidade formal então foi considerada muito importante para a ampliação do caráter objetivo do teste, facilitando a tomada de decisão por parte do aplicador, porém, observando que, quando um conceito não estava presente na lista, o avaliador, devidamente treinado, seria capaz de atribuir uma qualidade formal adequada para a resposta (Exner, 1969).

Sobre as hipóteses interpretativas, observa-se que Hertz não apresentou direções tão claramente definidas. Após um bom tempo de investimento nas bases psicométricas do instrumento, direcionou suas interpretações a uma forma mais subjetiva relacionando os dados à história do indivíduo, o julgamento clínico do avaliador, bem como descrições comportamentais aos dados do Rorschach. Pode-se então dizer, segundo Exner (1969), que, na organização do sistema, Hertz se aproximou em grande parte de Beck, porém, partindo-

se para análise interpretativa, ao longo do tempo, se tornou semelhante a Klopfer, aderindo a um caráter mais subjetivo e fenomenológico. A dificuldade em trazer as sugestões de interpretação de Hertz para estas categorias em questão é pelo fato de que seus trabalhos foram grandemente baseados em uma revisão do trabalho de outros estudiosos, não na definição de uma linha de abordagem em si, e também por não apresentar nenhuma publicação concisa dos seus estudos.

Por fim, Rapaport/Schafer apresentaram uma sistematização das localizações abrangendo, na publicação de 1954, as codificações: W, toda ou quase toda mancha, concordando com Rorschach e com a idéia de W cortado de Klopfer; DW, como estipulado por Rorschach; D, baseado no tamanho do detalhe, sua localização na mancha e também pela frequência; Dd, detalhes pequeno, mas não minúsculos, que são claramente vistos; Dr, definida como áreas minúsculas ou grandes que não foram claramente estabelecidas ou frequentemente apontadas; De, respostas dadas somente ao contorno de uma mancha, sem usar uma área; Do, um detalhe interpretado no lugar do todo; S, uma área branca relativamente grande, dentro ou fora da mancha, podendo ser usado só ou em combinação com W, D, Dd e Dr; e s, uma área branca relativamente pequena, usado da mesma forma que S (Exner, 1969).

Sobre a classificação da qualidade formal das respostas, Rapaport/Schafer, usaram os critérios semelhantes ao de Rorschach e os outros sistemas, com as codificações + e -, para formas bem e mal vistas, respectivamente. Porém estes sistematizadores acrescentaram codificações intermediárias, sendo +- para respostas de forma boa que apresentavam alguma parte não bem vista, e -+ para respostas mal vistas que apresentavam alguma característica vista com boa qualidade (Exner, 1969). Esta idéia já tinha sido usada por

Rorschach (1974) inicialmente, mas somente relacionadas às respostas por ele chamadas de originais.

Suas interpretações eram baseadas em quatro fontes de dados do protocolo: a quantitativa, a qualitativa, o nível formal e o conteúdo, insistindo na necessidade de se ter uma abordagem global de interpretação. A interpretação sobre as localizações estão baseadas na análise quantitativa, tanto com referências as frequências em si, como a proporções destas. Esses trazem o modo de apreensão e análise da realidade, como se demonstra a capacidade do indivíduo abstrair, quanto ele se manifesta e abstrai de forma convencional ou singular a realidade ao redor. A avaliação de nível formal é principalmente usada para mostrar até que ponto o sujeito reage correspondentemente e adequadamente à realidade (Exner, 1969).

Em suma, é importante ressaltar que, apesar das singularidades, existe muita concordância entre os sistemas na organização das categorias de localização e qualidade formal, mas principalmente na interpretação destes escores. Na interpretação de localizações, todos os sistematizadores mantiveram, no geral, a idéia e sugestão inicial de Rorschach para sua interpretação, e os indicadores que foram acrescentados também mantiveram uma mesma linha de pensamento. Algumas discordâncias aparecem, no entanto, principalmente quanto à expectativa de surgimento dos recortes em um protocolo, e a proporção ideal para estas codificações. Além disto, observa-se uma discordância mais acentuada a respeito das respostas de espaço branco (Exner, 1969).

Sobre a qualidade formal também encontra-se muitas congruências a respeito de sua interpretação. A primeira delas, que já vem do autor, Rorschach, é sobre sua possibilidade de avaliar a acuidade perceptiva. Todos os sistemas concordam que um rebaixamento na

porcentagem de qualidade formal ou mesmo a ausência de respostas bem vistas seriam indicativos de dificuldades no contato e verificação da realidade, enquanto um excesso de forma bem vista, principalmente quando esta tende a respostas comuns, demonstra uma preocupação indevida com a realidade, que pode comprometer a singularidade do indivíduo (Exner, 1969).

Por outro lado, quanto a pontuação destas, apesar de apresentar semelhantes codificações, observa-se que, por exemplo, Beck e Hertz usavam listas de frequência para avaliar esta qualidade formal, porém elas eram diferentes em cada sistematização. Piotrowski, por sua vez, também utiliza critérios de frequência, porém não estabeleceu lista própria para classificação destas respostas. Para Rapaport/Schafer também concordam com a importância do cálculo da frequência na determinação da qualidade formal, mas não apresentam dados referencias para tanto. E Klopfer apresentava uma classificação própria para esta, com uma pontuação entre -2 e 5 para codificá-la, como já apresentado anteriormente. Ainda quanto ao cálculo relacionado a estas variáveis, todos os sistemas, exceto Klopfer, apresentavam a porcentagem $X\%$ para fornecer dados quanto a acuidade perceptiva e contato com a realidade dos sujeitos avaliados, porém pelos critérios de codificação da qualidade formal muitas vezes esta pontuação seria diferente e com diferentes interpretações nos variados sistemas (Exner, 1969).

O Atlas de Localização e a Lista de Qualidade Formal/ SC

O Atlas de Localização consiste no mapeamento das manchas de tinta, destacando-se as áreas que costumam, com maior frequência, mobilizar respostas, os chamados recortes. Foi elaborado, para Sistema Compreensivo, em dois momentos, no primeiro,

ocorreu a identificação dos recortes em si, e, no segundo, a atribuição de codificações específicas para cada área definida, que depende da frequência com que esta parte é destacada na população em estudo. Tal classificação possibilita compreender o modo como a pessoa apreende a realidade, se em partes ou se no todo, e, sua correta codificação no processo de análise de respostas propicia informações importantes sobre o processamento cognitivo do examinando (Exner, 1979; Exner & Sendín, 1999).

No Atlas/SC, as áreas demarcadas variam de globais (W, no inglês, *Whole*), utilização total da mancha, à parciais (D, no inglês *Detail*, ou Dd) utilização de partes da mancha, mais propriamente, os recortes. As respostas parciais, ao serem identificadas, recebem codificações específicas que dependem da frequência com que aquele recorte é destacado. Conforme os critérios propostos por Exner (1979), se uma área é destacada por no mínimo 5% dos indivíduos ela deverá ser codificada como *D* (detalhe), recebendo também uma numeração sequencial, de mais frequente para a menos frequente. Aquelas áreas destacadas por menos de 5% de indivíduos deverão ser codificadas como *Dd* (detalhe inusual), recebendo igualmente uma numeração de acordo com sua frequência.

O mapeamento do Atlas, abrangendo estes critérios de frequência, foi originalmente sugestão e iniciativa de Beck, da qual Exner compartilhou para a publicação do SC. O Atlas utilizado atualmente foi resultado de pesquisas com duas amostras de 1500 protocolos retirados de um vasto banco de dados com o objetivo de rever cada uma das 103 áreas já delimitadas por Beck anteriormente com codificação *D*. Um grupo contava com 750 indivíduos não-pacientes adultos e crianças, e outro grupo de igual tamanho de pacientes ambulatoriais adultos e crianças. Do estudo resultaram 82 áreas demarcadas como *D* e 125 como *Dd*, o que constitui o Atlas publicado em 1976 (Exner, 2004).

A lista de Qualidade Formal (FQ) no SC, por sua vez, refere-se à frequência com que uma resposta é dada a uma determinada área da mancha, identificada no atlas de localização, refere-se então aos conceitos atribuídos às manchas globais ou em partes. Em termos práticos, a FQ possibilita verificar o quanto a percepção de um indivíduo se aproxima ou se distancia das características formais da mancha, fornecendo dados sobre sua acuidade no contato com a realidade, sinalizando o quanto a pessoa pode ter uma visão convencional, original ou distorcida dos fatos (Exner, 1979; Exner & Sendín, 1999).

A FQ pode ser classificada como uma percepção detalhada (+), ordinária e adequada (o), incomum e inusual (u), ou então distorcida (-). Sua classificação é pautada no critério de frequência com que cada conceito costuma ser atribuído a uma determinada área do Atlas de localização. Ressalta-se, no entanto, a particularidade da codificação ‘+’ que é a única não dependente da frequência para ser classificada, sendo atribuída então para as respostas ‘o’ em que o indivíduo teve um esforço maior em detalhar as características do conceito atribuído (Exner, 1999).

Uma resposta recebe o código ‘o’ (ordinária) se for identificada, em áreas W ou D, por pelo menos 2% dos indivíduos examinados. Com menos de 2%, a resposta é considerada ‘u’ (inusual), caso não violem demais os contornos da figura, ou ‘-’ (menos) no caso de ocorrerem distorções mais graves da percepção (Exner, 1979). É importante ressaltar o critério utilizado para as áreas de localização *Dd*, que, por serem recortes por si só pouco frequentes, recebem qualidade formal ‘o’ se ao menos 60% dos indivíduos que destacaram aquela área a relacionaram com o conceito em questão. O restante é considerado ‘u’ ou ‘-’, referentes a respostas incomuns e distorcidas, respectivamente,

seguindo o mesmo critério para a classificação, que é menos de 2% e a adequação do conceito à forma da mancha (Exner, 1979).

A tabela ou lista de FQ, atualmente utilizada, foi elaborada com uma amostra de 9.500 protocolos de indivíduos norte-americanos. O grupo estava dividido em adultos não-pacientes, que totalizaram 51.183 respostas, pacientes ambulatoriais não esquizofrênicos, resultando em 92.951 respostas, e pacientes não-esquizofrênicos internados, com 61.567 respostas, o que totalizou 205.701 respostas a serem analisadas. Das análises foram encontrados os conceitos bem como suas respectivas codificações que compõem a lista de qualidade formal publicada em 1976 (Exner, 2004).

Quando se fala na interpretação proposta para as variáveis levantadas pelo Atlas e a lista de FQ, refere-se principalmente a aspectos da estrutura da personalidade voltados para a cognição, no que diz respeito ao modo de apreensão da realidade e à acuidade perceptiva. No Sumário Estrutural, estas variáveis estão inclusas na Tríade Cognitiva, composta pelo Processamento, Mediação e Ideação. Estas três linhas fornecem informações do funcionamento cognitivo dos indivíduos, no sentido de como este processa a informação do meio e a incorpora, que seria o Processamento, como simboliza e traduz estes dados, correspondente à Mediação, e por fim como forma idéias e conclusões sobre eles, que seria a Ideação (Exner & Sendín, 1999).

Neste sentido, pode-se observar que as variáveis que compõem o Atlas de Localização, e suas correspondências no Sumário Estrutural, possibilitam verificar a direção da atenção dos indivíduos de modo convencional ou não, se este se dirige para a totalidade da situação (W), tende a ressaltar detalhes significantes (D) ou ainda se prende a detalhes pouco convencionais e relevantes em momento de resolução (Dd). Tais

características e informações encontram-se dentro da seção do Processamento Cognitivo, pelos registros das frequências e proporções de W, D e Dd (Exner, 1999).

A lista de Qualidade Formal, bem como as fórmulas que correspondem a estas variáveis no Sumário, por sua vez, provêm um índice quanto ao ajustamento perceptivo à realidade, relacionado a capacidade da pessoa atribuir à determinada área da mancha um conceito satisfatoriamente condizente com os contornos (o), condizente porém inusual (u), ou ainda distorcido (-). Estas últimas então, acopladas às seções de Mediação e Ideação, pelos índices: X+%, correspondente à porcentagem de respostas ordinárias num protocolo (FQ = o e +); Xu%, referente à porcentagem de respostas inusuais, porém não distorcidas, de um protocolo (FQ = u); X-%, que diz respeito à porcentagem das respostas distorcidas de um protocolo (FQ = -); e WDA%, que corresponde à porcentagem de respostas ordinárias e inusuais (FQ = o e u) que estão relacionadas às localizações W e D de um protocolo (Exner, 1999). Ainda quanto às porcentagens referentes à Lista de FQ, encontra-se, de acordo com Villemor-Amaral, Silva Neto e Nascimento (2003), a XA%, que se refere à porcentagem de respostas ordinárias e inusuais (FQ = +, o e u).

Sendo assim, a correta codificação da Localização e da Qualidade Formal das respostas possibilita verificar até que ponto o indivíduo consegue manter um contato com a realidade que o permita desenvolver impressões, conclusões, julgamentos e avaliações harmônicas ao contexto e adaptas às necessidades das mais diferentes situações. Esta percepção realista envolve não só uma boa argumentação lógica dos fatos, como uma adequação social quanto às relações interpessoais (Exner & Sendín, 1999; Weiner, 2000).

Além disso, permite também a avaliação de características da percepção direcionadas para o quanto a pessoa consegue analisar os detalhes e estímulos das situações

de uma forma adequada, ou seja, convencional, e ainda a inclinação do indivíduo em voltar sua atenção a um determinado detalhe, ou outro, presentes na mesma ocasião em questão. Sendo assim, pessoas convencionais seriam aquelas que conseguiriam compartilhar da formação de idéia e conclusões de forma semelhante à maioria das pessoas, mantendo-se adaptadas ao meio, enquanto pessoas pouco convencionais tenderiam a um comportamento mais atípico, bem como aquelas caracterizadas como extremamente convencionais podem se demonstrar com uma dificuldade para inovar ou observar eventos de formas diferentes e variadas (Exner & Sendín, 1999; Weiner, 2000).

É importante enfatizar que a análise dos indicadores, no Rorschach/SC, compreende a interligação destes indicadores, e que o surgimento ou ausência de um ou outro, por si só, muitas vezes não possibilita uma análise ou interpretação (Exner & Sendín, 1999; Weiner, 2000). O motivo de se estar detalhando mais isoladamente as variáveis componentes do Atlas e da lista de FQ é para viabilizar a pesquisa e compreensão do papel que estas específicas categorias têm dentro de todo o sistema compreensivo.

Ainda julga-se importante ressaltar que, apesar de ter sido sugerida uma classificação das variáveis quanto às suas análises estruturais da percepção, Rorschach (1974), já enfatizava que há uma relação inseparável entre afetos e cognição de modo que os primeiros podem comprometer o bom funcionamento do segundo. Neste sentido, por mais que os indivíduos possuam a percepção e características da estruturação cognitiva com funcionamento adequado, conflitos internos, em diferentes níveis, podem sim acarretar falhas nas defesas, o que possibilitará a impregnação da percepção da realidade por elementos da fantasia (Exner & Sendín, 1999; Weiner, 2000).

O Rorschach/SC no Brasil

Seguindo uma tendência internacional, pesquisadores brasileiros há muito vêm realizando investigações voltadas para a normatização e validação do Rorschach no Sistema Compreensivo (SC). No Brasil, foram feitos estudos para conferir ao instrumento qualidades psicométricas satisfatórias, o que resultou na publicação do apêndice ao manual do Rorschach/SC, chamado Notas sobre Estudos Brasileiros-I, organizado por Villemor-Amaral, Silva Neto e Nascimento (2003), que inclui um resumos dos estudos de validação do SC no Brasil bem como as tabelas normativas brasileiras, conferindo assim ao instrumento possibilidade de uso confiável em território nacional. Tais pesquisas, e posterior publicação, contribuíram para que o Rorschach fosse incluído na lista de instrumentos recomendados pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2003).

Um breve panorama realizado por Pasion (2002) traz a realidade das pesquisas brasileiras voltadas para normatização, validação e precisão do Rorschach. A autora comenta que, dado a vieses e objetivos variados e seleção de amostra não rigorosamente criteriosa, vários estudos, por mais que valiosos e representativos no que diz respeito ao enriquecimento desse método no Brasil, sofreram empecilhos que comprometeram a validade e precisão dos dados fornecidos, ou ainda, foram insuficientes quanto a representatividade da população brasileira.

Segundo Castro (2006), o Sistema Compreensivo tem ampliado seu reconhecimento e investimento no território nacional nos últimos anos. Em seu levantamento, feito entre 1995 e 2004, verificou que, gradualmente, a comunidade científica brasileira que se utiliza deste método tem absorvido o SC em seus estudos e intervenções, firmando assim a coerência do sistema, em variados contextos, notando-se a ênfase em estudos voltados para

psicopatologias. Apesar disto, um número relevante de pesquisas, segundo Silva Neto (2008) ainda há lacunas no Brasil de estudos que verifiquem as qualidades psicométricas do método de Rorschach no Sistema Compreensivo, principalmente no que diz respeito a estudos de validade e fidedignidade do instrumento.

Algumas pesquisas têm relevância no momento. Pode-se citar a pesquisa realizada por Belfort, Yazigi, Abreu, e Belort Júnior (1996), que avaliaram dois grupos de pacientes, um com 15 pessoas diagnosticadas com Behçet, doença caracterizada por inflamação dos vasos sanguíneos, e outro com 21 pessoas portadoras de variados diagnósticos, por meio do teste de Rorschach/SC. Os resultados, segundo os autores, mostraram características psicológicas condizentes com o esperado para os quadros patológicos, demonstrando tensão emocional, indicadores de impulsividade, entre sentimentos de inferioridade e comprometimento nas relações interpessoais.

Um estudo realizado por Antúnez (1998) avaliou características da personalidade de pacientes diagnosticados com glossodínia. A amostra contou com 25 pacientes, dos quais 76% eram do sexo feminino, com faixa-etária média de 50 anos, casados e em atividade profissional. Por meio de correlação entre entrevistas semi-dirigidas, dados de acompanhamento psicoterapêutico e as informações do Rorschach/SC, observou-se correlação significativa entre os dados teóricos e práticos com os resultados do teste de Rorschach.

Gazire, Yazigi e Ambrogini Jr (2001) realizaram uma investigação que objetivou avaliar aspectos psicológicos característicos de pacientes portadores da Síndrome de Intestino Irritável (SII), por meio do Rorschach. A amostra foi composta por 30 pacientes assim diagnosticados, de ambos os sexos, e idades variando entre 34 e 82 anos. Os

instrumentos utilizados foram, além do Rorschach/SC, o *Self Report Questionary* (SRQ) – entrevista para detectar a presença de patologias e sofrimento mental referentes a quadros de ansiedade, depressão e estresse, e o Índice de Severidade de Transtorno Funcional Intestinal (ISTFI), utilizado como medidor de intensidade de sintoma. Os resultados e discussões sugeriram que o Rorschach/SC constitui em um importante instrumento no que diz respeito ao auxílio na avaliação da personalidade destes pacientes, revelando, características ansiedade, imaturidade e distorção da realidade.

Ainda, verificando estudos realizados com patologias e a avaliação da personalidade segundo o Rorschach/SC, dois estudos foram realizados por Guntert e Nascimento, um em 1999 e outro em 2000, referentes à constelação de Índice de Depressão (DEPI), presente no Sumário Estrutural do Sistema Compreensivo do Rorschach. Na primeira pesquisa, os estudiosos avaliaram uma amostra de não-pacientes composta por 25 indivíduos. O objetivo estava em verificar a incidência deste índice na população brasileira. Foram constatadas diferenças significativas entre os valores esperados para a população norte-americana dos para a brasileira, o que ressaltou a necessidade de investimentos em pesquisas para esta nação. Enquanto o segundo veio a corroborar com os dados anteriores, demonstrando uma alta incidência deste índice na população brasileira de não-pacientes, porém, verificou-se relação com sintomatologia depressiva (Guntert & Nascimento, 1999; Guntert & Nascimento, 2000).

No Brasil, as pesquisas normativas, de validade e precisão foram e têm sido realizadas. A respeito da fidedignidade do instrumento, pode-se referir à pesquisa realizada por Silva Neto (2008), publicada como sua monografia na Universidade de São Paulo (USP), que verificou a precisão na codificação de 20 protocolos, sendo destes, 10 sorteados

e recodificados por juiz independente, resultando em valores relativos a um nível de precisão substancial ou excelente ($PA = 0,97$; $iota = 0,75$).

Ainda quanto a precisão, Santoantonio, Yazigi, e Sato (2006) realizaram uma pesquisa sobre características da personalidade de adolescentes diagnosticados como portadores de Lúpus Eritematoso Sistêmico. O estudo teve, como um dos objetivos, verificar a precisão na codificação. Sendo assim, os protocolos foram corretamente codificados, havendo sorteio de 15 destes para recodificação por um juiz independente. De acordo com os autores, os resultados apresentaram dados de precisão satisfatórios ($r \geq 0.61$) em sete das oito variáveis selecionadas para o estudo.

O estudo de Duarte, Bordin, Yazigi e Mooney (2005), comparou o desempenho de um grupo de 31 mães de crianças diagnosticadas com Autismo e 31 mães de crianças sem diagnóstico de problemas de saúde mental, pareados quanto a gênero da criança e quanto à idade, tanto para as crianças como para as mães, também é importante ressaltar. O objetivo do estudo foi o levantamento de características da personalidade, na busca de evidências de validade, bem como uma investigação de precisão da codificação. Quanto à precisão, de acordo com os autores, os resultados mostraram concordância, satisfatória ou excelente, entre dois codificadores, para grande parte das categorias do sumário estrutural (variando entre $r = 0,61$ e $r = 0,99$), apesar de ter indicado baixa precisão em algumas variáveis do sistema de codificação.

Ainda neste estudo, os pesquisadores compararam o desempenho do grupo de mães de crianças portadoras de autismo com o grupo controle, em variáveis específicas relacionadas com as características presentes na literatura a respeito. Os resultados trouxeram importantes evidências de validade para o Roschach/SC na detecção de

peculiaridades da personalidade intrínsecas ao quadro, apresentando diferença estatisticamente significativa ($p=0,03$) na categoria *nota D*. O rebaixamento para o grupo de mães de autistas ($M=-1,26$, $DP=1,06$) demonstra menor capacidade de tolerância ao estresse, bem como presença de sobrecarga emocional e tensões internas, quando comparadas ao grupo controle ($M=-0,42$, $DP=1,20$).

Voltando-se ainda para a busca de evidências de validade para Rorschach/SC em contexto brasileiro, pode-se encontrar a pesquisa realizada por Guntert, Yazigi e Behlau (2000) que objetivou comparar duas amostras de crianças com idades entre 6 e 10 anos, uma composta por 20 crianças diagnosticadas com nódulo vocal, e outra por 20 crianças sem distúrbio vocal. Os resultados demonstraram que os grupos se distinguiram significativamente nos quesitos de relacionamento interpessoal, relações afetivas, enfrentamento de situações, autopercepção, acuidade perceptiva, funcionamento cognitivo, aparecendo fragilidades pontuais no grupo de pacientes, condizentes com as especificidades do quadro apresentado.

Em outro estudo, Semer e Yazigi (2009) buscaram evidências de validade para o Rorschach/SC na avaliação de crianças portadoras de enurese. Para isto, selecionou os itens específicos do SC que estariam relacionados à literatura existente sobre características da personalidade de crianças portadoras de enurese. No estudo foram realizadas análises comparativas dos itens selecionados previamente, entre dois grupos, um com 26 crianças pacientes, e outro, de controle, com 26 crianças não portadoras de enurese. O resultado encontrado mostrou diferenças significativas ($p=0,008$) para o índice de egocentricidade, aparecendo rebaixado para o grupo de pacientes ($M=0,11$; $DP=0,11$) comparado ao grupo

controle ($M=0,24$; $DP=0,13$), o que traria dados sobre a presença de baixa auto-estima no grupo de crianças com enurese.

No que se refere à normatização do Rorschach/SC no Brasil, o teste de Rorschach tem sido alvo de pesquisas brasileiras voltadas para a padronização e normatização do Atlas de Localização e da Lista de Qualidade Formal (FQ), agora pelo Sistema Compreensivo. Ainda está em andamento a tarefa de investigar em que medida o modo de apreensão das manchas ocorre nessa população e que conceitos são mais comumente vistos em cada área (Villemor-Amaral, Yazigi, Nascimento, Primi & Semer, 2007).

O Atlas de Localização e a Lista de FQ/SC brasileiros

Um estudo de frequência das áreas de localização e frequência dos conceitos percebidos (a Qualidade Formal) foi inicialmente realizado por Nascimento (2002), com intuito de contribuir para maior confiabilidade das avaliações psicológicas feitas com base no Rorschach no contexto brasileiro. Tal trabalho foi desenvolvido para elaboração de uma nova listagem, atual e com indivíduos brasileiros, levando em consideração que, até o momento, o Atlas e a Lista de Qualidade Formal utilizados são internacionais, elaborados para a população norte-americana há mais de 30 anos (Villemor-Amaral, Silva Neto & Nascimento, 2003).

A pesquisa contou com a participação de 200 indivíduos não-pacientes da capital de São Paulo, de ambos os sexos, variados níveis de escolaridade e sócio-econômico, com idade variando entre 17 e 65 anos. Os resultados encontrados evidenciaram algumas diferenças importantes quando comparados aos do trabalho desenvolvido por Exner, em 1999 (Nascimento, 2002). Tais diferenças resultaram na publicação das tabelas normativas

brasileiras, acopladas ao manual do Rorschach/SC, já citadas anteriormente (Villemor-Amaral, Silva Neto & Nascimento, 2003).

Partindo-se do pressuposto que tal trabalho apresentaria diferenças significativas dos dados norte-americanos relativas a aspectos conceituais das respostas, ou seja, na composição de frequência da lista de FQ, as investigações prosseguiram, nos anos subsequentes a 2002, com intuito de verificar as variáveis se comportariam em contexto nacional. No entanto, os resultados sobressaltaram diferenças importantes nos recortes perceptivos brasileiros em relação aos norte-americanos, o que evidenciou necessidade de investimentos não somente para a organização de uma lista de FQ, mas também de um novo mapeamento para o contexto nacional (Villemor-Amaral, Yazigi, Nascimento, Primi & Semer, 2007).

Em geral, observando-se os critérios para codificação de diversos aspectos das respostas de um indivíduo frente a um instrumento de avaliação, podem-se considerar alguns como universais, porém há aqueles que estão passíveis de sofrer maiores influências culturais. No Rorschach, os critérios para codificação de qualidade evolutiva, determinantes, conteúdos, repostas pares e escores especiais podem ser considerados universais e não dependem do contexto cultural, variando nesses casos as expectativas quanto a seu aparecimento, ou seja, a frequência, de cultura para cultura, (Villemor-Amaral, Nascimento & Silva Neto, 2003; Villemor-Amaral & cols., 2007). No entanto, dadas as características e critérios de mapeamento do Atlas, supõem-se que este manteria uma organização e delimitação de áreas semelhante ao norte-americano, não sendo suscetível acentuadamente a diferenças culturais, já que a avaliação destas variáveis diz

respeito a aspectos mais estruturais da cognição humana, de pouca diferença entre as culturas (Meyer, 2002; Villemor-Amaral & cols., 2007).

Para verificar em que medida mapeamentos e listas de respostas às diferentes áreas das manchas poderiam contribuir para maior confiabilidade nos resultados, um trabalho, mais detalhado e aprofundado, vem sendo realizado no Brasil com uma amostra ampliada de 600 indivíduos, de ambos os sexos, adultos, maiores de 18 anos, provenientes do interior e da capital de São Paulo, com diferentes níveis sócio-econômicos e variados graus de escolaridade. O critério de exclusão da amostra foi a presença de alteração grave na percepção e pensamento, verificada pelo próprio protocolo dos indivíduos (Villemor-Amaral & cols., 2007).

Os dados foram coletados e inseridos em planilha eletrônica. Para isto foi criado um software específico que permitiu, além da inserção de todas as variáveis referentes à codificação do Rorschach/SC, acrescentar as respostas de forma desdobrada, ou seja, tabulando cada componente das respostas compostas por mais de um objeto como um dado isolado, o que permitiu a identificação e obtenção de frequências dos recortes e também a frequência dos conceitos encontrados. É importante ressaltar que este desdobramento foi criteriosamente definido para as respostas que respeitavam o contorno formal da figura, não sendo feito para sub-respostas que não seriam comumente vistas isoladamente nas manchas. O total de respostas dadas pela amostra foi em torno de 12 mil. Todos os conceitos que surgiram, de respostas singulares ou no desdobramento das compostas, foram inseridos na planilha colocando-se o nome dado pelo sujeito no momento de testagem, não somente conforme sua categoria, porém o código para qualidade formal não foi inserido.

Quanto à área de localização, seguiu-se a classificação de acordo com o mapeamento realizado no ano de 2000, por Exner (Villemor-Amaral & cols., 2007).

Seguiu-se então, após finalização do banco, às análises de frequência. Primeiramente foram obtidas as frequências das localizações para cada área previamente demarcada pelo atlas norte-americano, definindo-se quais recortes permaneceriam com a mesma codificação, e quais seriam mudados de acordo com a frequência encontrada na amostra brasileira. Para a seleção e computação de frequência dos novos recortes, identificados como Dd99 no Atlas SC/Exner, foi atribuída uma nova codificação numérica que possibilitou identificar os recortes que no estudo se mostraram com frequência suficiente para obter uma codificação D ou Dd. Com as localizações definidas, foi possível então fazer uma listagem de todos os conceitos identificados por prancha e localização (Villemor-Amaral & cols., 2007).

As localizações encontradas no mapeamento brasileiro (BR) em comparação com o Atlas norte-americano (EUA) serão apresentadas nas Tabelas 1 e 2, a seguir, assim divididas para facilitar a visualização. Na Tabela 1 serão oferecidas as localizações que permaneceram inalteradas, as que receberam nova codificação no Atlas brasileiro, e ainda os recortes que foram excluídos e incluídos no novo Atlas, nas pranchas de I a V, e na Tabela 2, as mesmas informações referentes às pranchas VI à X.

Tabela 1

Apresentação das localizações do Atlas brasileiro, pranchas I a V

Pranchas	Loc. Inalteradas EUA e BR		Loc. Alteradas EUA - BR	Loc. Excluídas EUA		Loc. Incluídas BR	
I	D1	Dd21		D3	DdS29	Dd36	Dd40
	D2	Dd22		Dd23	DdS30	Dd37	Dd41
	D4	Dd24		Dd25	Dd31	Dd38	Dd42
	D7	Dd33		DdS26	DdS32	Dd39	Dd43
		Dd34		Dd27	Dd35		
			Dd28				
II	D1	D6		Dd22	Dd27	D7	Dd35
	D2	Dd21		Dd23	Dd28	Dd32	Dd36
	D3	Dd24		Dd25	Dd30	DdS33	DdS37
	D4	DdS29		Dd26		DdS34	DdS38
	DS5	Dd31					
III	D1	Dd22	D8 - Dd37	Dd21		D13	
	D2	DdS23	Dd31 - D11	Dd25		Dd36	
	D3	DdS24	Dd33 - D10	Dd26		Dd38	
	D5	Dd29	Dd34 - D12	Dd27		Dd39	
	D7	Dd30		Dd28			
	D9	Dd32					
	Dd35						
IV	D1	D7	D5 - Dd34	Dd22	Dd27	Dd35	Dd41
	D2	Dd21		Dd23	Dd28	Dd36	Dd42
	D3	Dd30		DdS24	DdS29	Dd37	Dd43
	D4	Dd31		Dd25	Dd33	Dd38	Dd44
	D6	Dd32		Dd26		Dd39	Dd45
						Dd40	
V	D4	Dd31	D1 - Dd39	Dd22	DdS27	D11	Dd40
	D7	Dd32	D6 - Dd38	Dd23	DdS28	Dd36	Dd41
	D9	Dd34		Dd24	DdS29	Dd37	Dd42
	D10	Dd35*		Dd25	Dd30		
			Dd26	Dd33			
Total	50 Inal.		7 Alt.	42 Exc.		37 Inc.	

*Com uma pequena alteração na possibilidade de abrangência do recorte.

Tabela 2

Apresentação das localizações do Atlas brasileiro, pranchas VI a X

Pranchas	Loc.		Loc.		Loc. Incluídas	
	Inalteradas EUA e BR		Alteradas EUA - BR	Loc. Excluídas EUA		BR
VI	D1	Dd24	D2 - Dd45	Dd25	Dd34	Dd41
	D3	Dd26	D6 - Dd37	Dd27	Dd35	Dd42
	D4	Dd30	D8 - Dd39	Dd28	Dd36	Dd43
	D5	Dd31	D12 - Dd44	Dd29	Dd38	Dd46
	Dd21	Dd32	Dd22 - D13	DdS30	Dd40	Dd47
	Dd23	Dd33		Dd31		Dd48
VII	D1	DS7	D6 - Dd31	Dd24	Dd29	DdS37
	D2	D9	D8 - Dd34	Dd25	Dd30	Dd38
	D3	Dd21	DS10 -	Dd26	Dd32	Dd39
	D4	Dd28	DdS36	Dd27	Dd33	Dd40
	D5		Dd22 - D11 Dd23 - D12		Dd35	Dd41
VIII	D1	Dd21	D7 - Dd35	Dd25		Dd34
	D2	Dd22		Dd27		Dd36
	D3	Dd23		DdS28		Dd37
	D4	Dd24		DdS29		Dd38
	D5	Dd26		Dd31		Dd39
	D6	Dd30				Dd40
	D8	DdS32 Dd33				Dd41 Dd42
	IX	D1	Dd21	D5 - Dd36	Dd24	D13
D2		Dd22		Dd27	Dd37	Dd43
D3		DdS23		Dd28	Dd38	Dd44
D4		Dd25		Dd30	Dd39	Dd45
D6		Dd26		Dd31	Dd40	Dd46
D8		DdS29		DdS32	Dd41	Dd47
D9		Dd34		Dd33		
D11		Dd35				
D12						
X	D1	D11	Dd21 - D20	Dd25	D17	Dd40
	D2	D12	DdS22 -	Dd26	D18	Dd41
	D3	D13	DS16	Dd27	D19	Dd42
	D4	D14		Dd28	Dd36	Dd43
	D5	D15		Dd31	Dd37	Dd44
	D6	DdS29		Dd32	Dd38	Dd45
	D7	DdS30		Dd35	Dd39	

	D8	Dd33			
	D9	Dd34			
	D10	Dd35			
Total	73 Inal.		14 Alt.	30 Exc.	54 Inc.

Após a listagem completa, passou-se a uma análise prévia da frequência destes conceitos. Com as frequências foi possível o agrupamento criterioso e cuidadoso, em categorias abrangentes, dos conceitos sinônimos ou com semelhança formal. A frequência prévia destes conceitos isolados foi importante principalmente no sentido de direcionar o agrupamento em categorias, visto que a discrepância entre frequências de respostas aparentemente semelhantes poderia ser um sinalizador para repensar o agrupamento das mesmas. O trabalho de categorização da lista de FQ foi realizado por duas duplas de juízes, todos pesquisadores peritos no Rorschach/SC (Villemor-Amaral & cols., 2007).

Com os agrupamentos definidos, foram rodadas novamente análises de frequência e assim, passou-se a definir a qualidade formal de cada categoria, por localização e prancha. As respostas que obtiveram frequência superior a 2% receberam o código 'o', relacionado à forma bem vista e frequente, os conceitos com frequência inferior a 2% foram então classificados como 'u', quando a resposta era rapidamente reconhecida nos contornos formais da localização em questão, e '-', quando ocorria distorção da imagem. Para esta definição foram utilizados três juízes independentes, prevalecendo, quando em discordância, a codificação atribuída por dois destes. Ao final, o software utilizado para a pesquisa automaticamente lançou as codificações de FQ estabelecidas e condizentes aos conceitos respondidos pela amostragem, o que possibilitou o cálculo de novas expectativas e referências normativas brasileiras quanto à qualidade formal, referentes aos índices X+%, Xu%, X-% e WDA%. (Villemor-Amaral & cols., 2007).

Tal trabalho possibilitou a elaboração do novo Atlas de Localização e da Lista de Qualidade Formal brasileiros, que estão em fase de refinamento. Entretanto, restava ainda a necessidade de realizar estudos que verifiquem em que medida a nova proposta de mapeamento e de classificação de qualidade formal possibilita a discriminação de pessoas com os diferentes níveis de distorção e acuidade perceptivas, ou seja, trata-se da necessidade de encontrar evidências de validade e maior sensibilidade dessa nova proposta em nosso meio.

Em relação ao mapeamento, ressalta-se que, observando as especificações na maneira com que o atlas foi elaborado nas distintas pesquisas, norte-americana e brasileira, é possível que as diferenças obtidas nos recortes estejam mais relacionadas aos critérios com que estes foram construídos, do que por diferenças culturais propriamente ditas. Compreendendo o criterioso procedimento utilizado na elaboração do Atlas no Brasil, entende-se que estudos que demonstrem sua validade quanto à sua sensibilidade para discriminar alterações perceptivas significativas, poderiam ser de grande importância para o aproveitamento destes achados em contexto internacional.

Neste sentido, estudos de validade de critério, comparando os resultados entre grupos contrastantes, e pela comparação entre o desempenho de indivíduos com características proporcionalmente semelhantes à amostra do estudo anterior, normativa, podem trazer grandes contribuições para os dados já encontrados. A relevância do presente trabalho está na possibilidade de trazer maior confiabilidade na utilização dos dados do Atlas e da lista de FQ em contexto nacional, e, de acordo com os resultados encontrados, possibilitar o aproveitamento dos recortes da mancha, delimitados no Atlas, em outros contextos culturais.

A presente pesquisa faz parte de um conjunto de estudos de validação a serem realizados no estado de São Paulo, com os seguintes grupos: (a) não pacientes da capital; (b) não pacientes do interior; (c) pacientes psiquiátricos da capital; (d) pacientes psiquiátricos do interior. Entende-se que as quatro diferentes análises possibilitarão verificar se o Atlas e a lista de FQ, com as atuais tabelas normativas geradas para a população brasileira, são sensíveis para destacar as diferenças na acuidade perceptiva de cada amostra. É esperado que as amostras de não-casos psiquiátricos não se diferenciem significativamente das tabelas normativas geradas, já as amostras de pacientes psiquiátricos apresentem desempenho divergente quando comparadas ao grupo normativo.

Objetivos

Desse modo, o presente estudo teve como objetivo verificar as expectativas normativas brasileiras, bem como buscar evidências de validade para o Atlas de localização e a lista de Qualidade Formal. Para isto foram realizadas comparações entre o desempenho de um grupo amostral de não pacientes quando codificados de acordo com o Atlas e Lista de FQ brasileiros (Villemor-Amaral & cols., 2007) e de acordo com os norte-americanos (Exner, 1999), e comparações entre o desempenho dos indivíduos não pacientes com os dados obtidos no estudo normativo anterior. Para o presente estudo, as variáveis estudadas foram: as localizações de W, D, Dd e Dd99, as qualidades formais FQo, FQu e FQ-, e as porcentagens X+%, Xu%, X-% e WDA%, esperando-se que não haja diferenças significativas entre os dois grupos.

MÉTODO

Participantes

A amostra compreendeu um grupo de 46 indivíduos adultos, não pacientes, de ambos os sexos, sendo 54% do sexo masculino, com idades entre 18 e 64 anos, em diferentes níveis de escolaridade, habitantes do interior do estado de São Paulo. O critério de inclusão foi a constatação, por meio do *Self Report Questionary* (SRQ), da ausência de sofrimento mental ou psicológico significativo. Para a comparação, foi usado um grupo de 370 indivíduos, parte do banco de dados normativo de 600 pessoas, utilizado nas pesquisas brasileiras para elaboração do Atlas de Localização e Lista de FQ (Villemor-Amaral & cols., 2007). A distribuição quanto ao sexo, idade e escolaridade seguiu a mesma proporção obtida no estudo normativo (N = 600), de acordo com a Tabela 3, a seguir.

Tabela 3

Distribuição de indivíduos quanto à faixa etária, escolaridade e gênero.

Série por Categoria				Idade por faixa etária			Total
				18 a 30 anos	31 a 45 anos	Acima de 45 anos	
Ensino Fundamental	Gênero	Feminino	F	0	1	1	2
			%	0%	2%	2%	4%
	Masculino	F	1	1	1	3	
		%	2%	2%	2%	6%	
	Total	F	1	2	2	5	
		%	2%	4%	4%	10%	
Ensino Médio	Gênero	Feminino	F	6	3	1	10
			%	12%	6,5%	2%	23 %
	Masculino	F	6	5	1	12	
		%	12%	10%	2%	26%	
	Total	F	14	8	2	22	
		%	30%	17%	4%	49%	
Ensino Superior	Gênero	Feminino	F	5	3	1	9
			%	11%	6,5%	2%	20%
	Masculino	F	4	5	1	10	
		%	9%	10%	2%	20%	
	Total	F	9	8	2	19	
		%	20%	17%	4%	41%	

Instrumentos

Para o estudo foram utilizados os seguintes instrumentos:

Self Report Questionary (SRQ)

Questionário de identificação de distúrbios psiquiátricos e/ou sofrimento mental em nível de atenção primária. É composto de 20 questões, sendo quatro sobre sintomas físicos e 16 sobre distúrbios psicoemocionais, com respostas do tipo dicotômico, com tempo médio de aplicação de 15 minutos. Para encontrar o escore do indivíduo no teste, atribui-se 0 para as respostas 'não' e 1 para as 'sim'. Resultados iguais ou superiores a 7 são interpretados como presença de sofrimento mental (Mari & Willians, 1986).

O instrumento foi desenvolvido por Harding e cols., em 1980. Estudos realizados pela Organização Mundial de Saúde, em 1999, concederam ao instrumento evidências de validade, com sensibilidade (o quanto o instrumento é capaz de identificar indivíduos com uma característica X) variando de 62,9% a 90% e especificidade (o quanto o instrumento capta de fato indivíduos com aquele traço específico), de 44% a 95%. No Brasil, foi alvo de estudos com esta população, o que concede a ele confiança na escolha como instrumento (Mari & Willians, 1986).

Método de Rorschach/SC

Instrumento composto por um jogo de 10 pranchas com manchas de tinta e uma folha de localização de respostas. Sua aplicação total se desenvolve em aproximadamente uma hora e meia, e ocorre em duas etapas distintas. Na primeira, chamada de associação livre, os cartões são apresentados, sequencialmente do primeiro ao décimo, e o indivíduo deve dizer com que se parecem as manchas, enquanto o examinador anota cuidadosamente as respostas dadas. Na segunda, o inquérito, os cartões são novamente apresentados, o examinador lê as respostas dadas, e pede para que o indivíduo mostre onde, na mancha, ela foi vista, marcando a localização na folha de respostas, bem como quais características levaram a associar a imagem à resposta dada, anotando também todas as informações dadas. Após o exame, os dados passam a ser criteriosamente codificados, por meio do Sistema Compreensivo, para posteriormente serem analisados de acordo com as interpretações propostas (Exner, 1999).

A codificação do Rorschach, segundo o SC, envolve oito categorias com suas subdivisões de acordo com cada resposta. A primeira delas envolve a decisão da

Localização da Resposta, e se dá por meio do Atlas de Respostas; em seguida, é atribuído um código referente à *Qualidade Evolutiva* (DQ) da resposta; segue-se para o levantamento dos *Determinantes* envolvidos na escolha da resposta dada; em seguida atribuí-lhe um código referente à *Qualidade Formal* (FQ) da resposta dada naquela localização; passando ao levantamento do *Conteúdo* das respostas; segue então a identificação das respostas consideradas *Populares*; atribuí-lhe codificação para a *Atividade Organizativa* (Z); e por fim, levanta-se o surgimento de *Códigos Especiais* (Exner, 1999).

As qualidades psicométricas do Rorschach/SC têm sido certificadas. Internacionalmente, verificou-se que os critérios como grau de concordância entre os juízes, grau de fidedignidade com variância de erro mínimo, validade interpretativa, e dados normativos, são satisfatórios e compreendidos pelo Sistema Compreensivo. Observa-se que os dados de precisão foram obtidos por meio de uma série de estudos de teste-reteste, tanto com amostra adulta como infantil (Weiner, 2000).

Em uma amostra de adultos, não-pacientes, retestados após três anos em estudo de Exner e Weiner, em 1995, revelaram coeficiente de estabilidade alto ($r \geq 0,80$) em 13 variáveis centrais: Frequência de Z (atividade organizativa); Lambda (coeficiente referente à produção do indivíduo); M (determinante de movimento humano); M^a (determinante de movimento humano ativo); FC (qualidade formal); SumC (somatório de determinantes de cor); Quociente Afetivo; SumT (somatório de determinantes de sombreado relacionados a textura); SumV (somatório de determinantes de sombreado relacionados a perspectiva, vista); X+% (proporção de utilização dos códigos de FQ 'o' e FQ '+'); Índice de Egocentricidade; Somatório dos Códigos Especiais Críticos; e Experiência Efetiva. Em outras 6 variáveis centrais, os coeficientes de estabilidade foram também satisfatórios ($r \geq$

0,70), que seriam: R (número de respostas); M^P (determinante de movimento humano passivo); CF+C (somatório dos determinantes de cor pura – C, e de cor como características primária – CF); Popular; FM (determinante de movimento animal); e Estimulação Sentida (Weiner, 2000).

Em outro estudo de teste-reteste, realizado por Exner em 1997, com uma amostra de 50 indivíduos não-pacientes, os resultados encontrados mostraram coeficientes de estabilidade altos ($r \geq 0,80$) para outras variáveis presentes no sumário estrutural do Sistema Compreensivo: Pares (respostas que o indivíduo identifica pares); Reflexo (respostas que o indivíduo identifica reflexo de imagem); FD (determinante de Forma e Dimensão); Índice de Isolamento; Índice de Intelectualização; COP (código especial de cooperação); AG (código especial de agressividade); Xu% (proporção das respostas com FQ ‘u’); X-% (proporção das respostas com FQ ‘-’); WSum6 (somatório ponderado dos códigos especiais). Também foi encontrada correlações superiores a 0,70 para: MOR (código especial de conteúdo mórbido); e Blends (determinantes mistos) (Weiner, 2000).

Referente a dados sobre evidências de validade do teste, Weiner (2000) aborda a realização de estudos que demonstraram validade equivalente ao conhecido Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota (MMPI). Uma publicação realizada por Parker e outros estudiosos, apresentou o resultado de 411 estudos realizados sobre evidências de validade, revelando coeficientes estimados de validade convergente de 0,41 a 0,46 entre o Rorschach e o MMPI, demonstrando não apresentar diferença significativa entre os instrumentos. O autor acrescenta que, em suas publicações anteriores, e outras de Exner, organizador do Sistema Compreensivo, são descritas várias pesquisas que revelaram evidências de validade para o Rorschach/SC quanto a: definição de vários aspectos da

estrutura da personalidade, bem como levantamento de hipóteses sobre características da dinâmica da personalidade; auxílio em diagnóstico diferencial, principalmente quando este envolve padrões característicos de funcionamento da personalidade; indicações psicoterapêuticas e acompanhamento ou mesmo avaliação de tratamentos; predições comportamentais, quando embasadas em estimativas cautelosas de comportamentos baseados na personalidade.

A respeito de dados normativos norte-americanos, estudos com o Sistema Compreensivo fornecem dados detalhados e padronizados para cada uma das variáveis codificadas segundo este sistema. O resultado foi adquirido a partir de uma amostra de 700 adultos não-pacientes, 1390 crianças e adolescentes (idades entre 5 e 16 anos), bem como, grupos de pacientes constituídos por 320 esquizofrênicos, 315 depressivos, 440 com diagnósticos variados, e 180 com distúrbios de caráter (Weiner, 2000).

No Brasil, vários estudos foram realizados que compreendem dados sobre evidências de validade do instrumento. Além disto, tabelas normativas foram geradas com o intuito de trazer confiabilidade e viabilizar a utilização do Rorschach/SC no Brasil (Villemor-Amaral, Nascimento & Silva Neto, 2003).

Procedimento

O trabalho foi analisado e aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa da Universidade São Francisco. A amostra foi obtida por conveniência, levantada pela indicação de indivíduos do interior de SP. Após o levantamento, os indivíduos foram contatados para a solicitação de participação voluntária na pesquisa. Para os indivíduos que

aceitaram, foram agendadas sessões únicas e individuais, de aproximadamente 1 hora, nos estabelecimentos da Universidade São Francisco, ou na própria residência dos voluntários, respeitando as condições ambientais favoráveis que envolvem privacidade, pouca estimulação visual e sonora, boa iluminação e conforto. Na aplicação foi inicialmente assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, logo após, passou-se à aplicação do SRQ e do Rorschach, sequencialmente.

Com a coleta dos dados concluída, foram incluídos na amostra somente os indivíduos que obtiverem pontuação inferior a sete no SRQ, por considerar, acima ou igual a sete, como portador de sofrimento mental (Mari & Willians, 1986). Os protocolos do Rorschach dos participantes selecionados passaram então a ser codificados, de acordo com o Sistema Compreensivo de Exner, pela pesquisadora e revisados pela orientadora, procedimento comum nos métodos projetivos para fornecer maior confiança nas codificações, de acordo com a concordância entre juízes. Para viabilizar as análises, a codificação da Localização e da Qualidade Formal foi realizada tanto no mapeamento e lista norte-americano (Exner, 1999) como no brasileiro, resultante do estudo de Villemor-Amaral e cols. (2007). Em seguida, 25% dos protocolos foram sorteados para recodificação por um juiz independente, tomando assim o cuidado de verificar a precisão das codificações.

Após a seleção da amostra e finalização da codificação, os dados foram inseridos em planilha eletrônica. Com a inserção concluída, houve um criterioso trabalho em conjunto entre os pesquisadores do Laboratório de Avaliação Psicológica em Saúde Mental (LAPSaM), coordenado pela Prof. Anna Elisa de Villemor-Amaral, do qual a autora faz parte, e do Laboratório de Avaliação Psicológica e Educacional (LabAPE), coordenado

pelo Prof. Ricardo Primi, para cruzar a atual planilha com a planilha utilizada no estudo normativo de Villemor-Amaral e cols. (2007). Só então os dados foram submetidos à análises estatísticas, por meio do programa estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Science*).

Vale salientar que, por incompatibilidade de planilhas, não foi possível o cruzamento dos bancos de não pacientes (N = 46) com o normativo total (N = 600), para as comparações. Sendo assim, as análises foram realizada com apenas parte do grupo normativo (N = 370), o que, apesar de ser uma parcela representativa, não era o objetivo inicial. Será dado andamento na pesquisa posteriormente, com a comparação deste banco com o normativo total, verificando assim os achados aqui expostos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussões a seguir serão apresentados em dois momentos. O primeiro abordando os dados e argumentações relacionados ao Atlas de Localização, e o segundo considerando as informações encontradas sobre a Lista de Qualidade Formal (FQ), brasileiros. Para tanto, em ambos os momentos, serão apresentadas duas comparações distintas: uma visando observar as diferenças existentes no desempenho do grupo de 46 não pacientes, quando codificados de acordo com os dados brasileiros (Villemor-Amaral & cols., 2007), e os norte-americanos (Exner, 1999); e outra com o intuito de detectar como o desempenho do grupo de 46 não pacientes se diferencia ou se assemelha com o grupo normativo utilizado no estudo de Villemor-Amaral e cols. (2007), quando codificados de acordo com os dados brasileiros. Diante das discussões, algumas análises de correlação e descritivas foram acrescentadas no intuito de fornecer maiores informações sobre os dados encontrados. Antes disto, no entanto, serão apresentados os resultados obtidos pelo estudo de precisão de codificação, realizado pela concordância entre juízes.

Concordância de codificação entre juízes

Entende-se a importância destes dados visto que, como enfatiza Urbina (2007), evidências de fidedignidade das codificações e escores de um teste apresentam-se como pré-requisito mínimo para se tornar possível a busca de evidências de validade para este. Os dados encontrados pelo teste *Kappa* evidenciaram índices de concordância, em sua grande maioria, considerados satisfatórios ou mesmo excelentes, de acordo com Urbina (2007), que considera acima de 0.70 satisfatórios, e acrescenta que em torno de 0.80 seria considerado um escore mais confiável.

As análises revelaram para as variáveis de Localização, índices entre 0.98 e 1.00 ($p < 0.001$); para as de Qualidade Evolutiva (DQ), entre 0.97 e 1.00 ($p < 0.001$); para as de Determinantes, entre 0.50 e 1.00 ($p < 0.001$), observando-se que apenas o determinante Sombreado de Vista (V) recebeu índice 0.50, e o Movimento inanimado (m) recebeu índice 0.70, porém o restante apresentou valores acima de 0.80, e, na maioria, acima de 0.90; para as de Qualidade Formal (FQ), entre 0.79 e 0,93 ($p < 0.001$); para as de Conteúdos, entre 0.51 e 1.00 ($p < 0.001$), observando-se também que apenas uma codificação apresentou valores abaixo de 0.75, que foi o conteúdo relacionado a Experiência Humana (Hx); para os Conteúdos Populares (P), o índice 0.95 ($p < 0.001$); para Atividade Organizativa (Z), o valor de 0.87 ($p < 0.001$); e para as variáveis referentes a Códigos Especiais, entre 0.57 e 1.00 ($p < 0.001$), encontrando índices inferiores a 0.74 somente para os códigos de Verbalização Desviante (DV), Resposta Desviante (DR), Perseveração (PSV) e Conteúdo Abstrato (AB). Segue abaixo, na Tabela 4, os valores exatos encontrados para as variáveis utilizadas nesta pesquisa.

Tabela 4

Índice de concordância Kappa para as variáveis de Localização e FQ

Categorias	Códigos	Kappa	p
Localização	W	0.99	< 0.001
	D	0.99	< 0.001
	Dd	0.98	< 0.001
Qualidade Formal (FQ)	FQ+	(a)	-
	FQo	0.93	< 0.001
	FQu	0.80	< 0.001
	FQ-	0.79	< 0.001

(a): a estatística *Kappa* não calculada, pois as variáveis são constantes

Diante dos resultados satisfatórios na análise de precisão de codificação, segue abaixo os resultados e discussões a respeito do Atlas de Localização Brasileiro.

Atlas de Localização

No intuito de verificar de que maneira o mapeamento realizado pelo estudo de Villemor-Amaral e cols. (2007) se diferencia do mapeamento norte-americano de Exner (1999) quanto à avaliação do grupo amostral, foi realizado o teste estatístico ANOVA. A comparação entre o desempenho de um mesmo grupo de não pacientes quando avaliados pelos dois Atlas em questão pretende trazer dados de qual destes seria mais sensível para explicar corretamente a amostra estudada. Tendo em vista que o Atlas de Localização/SC do método do Rorschach tem como objetivo apresentar um mapeamento que destaque os recortes mais comumente vistos na população (Exner, 1999; Villemor-Amaral & cols., 2007), entende-se que o Atlas que melhor abranja e delimite estas possibilidades de apreensão, seria o mapeamento mais adequado em sua utilização. Nesta direção, as análises abaixo, apresentadas na Tabela 5, demonstram que, na amostra estudada, o Atlas elaborado pelo estudo brasileiro se mostrou mais amplo no sentido de oferecer um delineamento no qual realmente os recortes destacados aparecem com frequência.

Tabela 5

Comparação da avaliação do grupo pelos Atlas brasileiro e norte-americano

	Atlas	Média	DP	SQ	GL*	MQ	F	p	Eta ²
W	EUA	8.48	3.98	0.00	1	0.00	0.00	1.00	0.00
	Brasil	8.48	3.98						
D	EUA	11.78	5.30	1.83	1	1.84	0.06	0.80	0.001
	Brasil	12.07	5.54						
Dd	EUA	1.15	1.91	22.01	1	22.01	5.25	0.02	0.05
	Brasil	2.13	2.18						
Dd99	EUA	2.37	2.40	36.56	1	36.56	8.5	0.004	0.08
	Brasil	1.11	1.69						

Os resultados acima assinalam um aumento significativo na codificação de Dd quando avaliados segundo os dados obtidos no estudo brasileiro (M= 2.13; $p= 0.02$) em relação à norte-americana (M= 1.15), com a consequente diminuição na pontuação de Dd99, nesta amostra. Verifica-se também que a média de D foi muito semelhante, o que será discutido adiante e, naturalmente, as respostas W, por definição, são equivalentes.

A grande importância de tal achado, aumento de Dd para o Atlas brasileiro, é que, um mapeamento que abranja os recortes mais frequentemente vistos, possibilita a elaboração de listas de qualidade formal (FQ) para estas localizações, o que propicia uma avaliação mais objetiva. Isso porque essa listagem permite identificar de modo preciso qual codificação correta para os conceitos respondidos, aumentando a fidedignidade do método.

Uma análise por prancha da frequência das respostas dadas como Dd e Dd99 na amostra, pelos dois Atlas, foi realizada, para verificar em quais manchas este resultado (diminuição de Dd99 para o mapeamento brasileiro) se revelaria. Pela importância dos valores, serão apresentados na Tabela 6, a seguir.

Tabela 6

Frequência das Localizações Dd e Dd99 nos Atlas brasileiro e norte-americano, por prancha

Prancha	Atlas	Dd		Dd99	
		F	%	F	%
I	EUA	2	1.7	13	10.7
	Brasil	12	9.9	3	2.5
II	EUA	3	2.5	15	12.7
	Brasil	9	7.6	9	7.6
III	EUA	16	12.7	7	5.6
	Brasil	12	9.5	3	2.4
IV	EUA	2	2.2	11	12.0
	Brasil	6	6.5	7	7.6
V	EUA	3	3.4	4	4.6
	Brasil	5	5.7	3	3.4
VI	EUA	8	7.6	12	11.4
	Brasil	10	9.5	8	7.6
VII	EUA	2	2.0	10	9.9
	Brasil	12	11.9	2	2.0
VIII	EUA	3	3.0	5	5.1
	Brasil	10	10.1	1	1.0
IX	EUA	4	4.1	13	13.3
	Brasil	11	11.2	8	8.2
X	EUA	10	6.8	19	12.9
	Brasil	13	8.8	6	4.1

A tabela acima permite observar que a diminuição de Dd99 para o mapeamento brasileiro ocorreu em todas as pranchas que compõem o Atlas, ou seja, a diferença

significativa apontada na tabela anterior é verificada pela diferença da frequência em todo Atlas, não em partes isoladas deste. Uma questão que pode ser levantada é referente a quantidade de localizações Dd que cada mapeamento possui, o que poderia ter privilegiado o aumento da frequência de um ou outro. Neste sentido, observa-se, como detalhado na Tabela 1 da fundamentação teórica, que há sim uma diferença no total de respostas Dd em cada prancha, entre os Atlas, por vezes aumentado para o norte-americano e por vezes para o brasileiro. No entanto, ressalta-se que, mesmo nas pranchas em que o mapeamento norte-americano apresenta maiores possibilidades de classificação de Dd, que seriam as pranchas I, III e V, verifica-se o aumento da frequência de Dd para o brasileiro (exceto na prancha III), o que enfatiza ainda mais a capacidade representativa dos recortes brasileiros, visto que, diante de possibilidades reduzidas de codificação frente ao outro Atlas, as demarcações Dd brasileiras ainda foram mais frequentemente destacadas. É importante ressaltar que a prancha III foi a única que apresentou frequência de Dd diminuída de acordo com o Atlas brasileiro, porém o Dd99 permanece diminuído para a codificação de acordo com este mapeamento, o que entende-se que houve então um aumento na codificação de D, o que será destacado a seguir.

A semelhança nos valores médios de D, com base nos dois mapeamentos é um dado interessante, verificando-se que há diferenças, algumas vezes sutis, outras, no entanto, mais evidentes, entre as áreas Ds demarcadas nos dois Atlas (Tabela 1). É possível supor que isso seja decorrente de variações ocorridas na frequência de Ds em cada prancha, considerada isoladamente. Sendo assim foram realizadas análises de correlação entre as respostas codificadas como D pelos dois Atlas, nos protocolos do grupo estudado, com o intuito de verificar em que medida elas assemelham ou diferem. Serão juntamente

apresentadas as frequências e porcentagens das respostas D em cada Atlas e prancha, na Tabela 7, abaixo.

Tabela 7

Correlações e Frequências das localizações D nos Atlas brasileiro e norte-americano, por prancha

Prancha	Atlas	F	%	<i>r</i>	<i>p</i>
I	EUA	20	16.5	1.00	< 0.001
	Brasil	20	16.5		
II	EUA	67	56.8	0.96	< 0.001
	Brasil	67	56.8		
III	EUA	97	77.0	0.77	< 0.001
	Brasil	105	83.3		
IV	EUA	25	27.2	1.00	< 0.001
	Brasil	25	27.2		
V	EUA	16	18.4	0.85	< 0.001
	Brasil	15	17.2		
VI	EUA	46	43.8	0.88	< 0.001
	Brasil	48	45.7		
VII	EUA	51	50.5	0.90	< 0.001
	Brasil	49	48.5		
VIII	EUA	68	68.7	0.95	< 0.001
	Brasil	65	65.7		
IX	EUA	55	56.1	0.93	< 0.001
	Brasil	53	54.1		
X	EUA	97	66.0	0.87	< 0.001
	Brasil	107	72.8		

A tabela acima evidencia que, as correlações entre a codificação D pelos dois Atlas foram altas, o que demonstra que a avaliação do grupo, quando utilizados os distintos mapeamentos, teve um resultado semelhante. Apesar da semelhança acentuada, que leva a crer que não exista muita diferença entre os mapeamentos na avaliação dos grupos, alguns pontos serão enfatizados com o intuito de favorecer um possível refinamento do Atlas de Localização, e futuras pesquisas.

Observa-se que nas pranchas I, II e IV, as correlações foram altas, quando não máximas, e a frequência de D iguais para ambos os Atlas. Nas pranchas V, VII, VIII e IX, as correlações encontradas foram altas, um pouco mais reduzida na prancha V, porém com a frequência de D levemente maior para o mapeamento norte-americano. Já nas pranchas III, VI e X houve uma diminuição no valor das correlações, apesar de ainda altas, com aumento na frequência de D para o mapeamento brasileiro, que se fez um pouco mais acentuado nas pranchas III e X.

O Atlas elaborado no Brasil (Villemor-Amaral & cols., 2007) apresenta, em algumas pranchas, recortes D muito semelhantes ao norte-americano, como citado anteriormente (Exner, 1999). Nota-se que na elaboração do mapeamento, em alguns momentos ocorreu a exclusão ou recodificação de D para Dd, como visto nas Pranchas I, IV, V, VII e VIII, ou mesmo a inclusão de apenas um novo recorte, ocorrido na Prancha II, acarretando a diferença, no total, de 1 localização D; em outros, nas Pranchas III e IX, o total permanece igual, com a distinção de um recorte destacado como D pelos Atlas, ou seja, houve a exclusão de uma área até então D e inclusão de uma outra, no mapeamento brasileiro; e ainda em outros momentos o total de Ds se mostraram acentuadamente

diferentes, com recortes também distintos, como identificado na Prancha VI, onde ocorreu a diminuição de 3 recortes D, e na X, com a inclusão de 5 novos recortes D.

Neste sentido, verifica-se que as correlações se mostraram altas ou até mesmo máximas nas pranchas I, II e IV, VII e VIII, com frequências iguais ou levemente aumentadas para a codificação norte-americana, o que pode ter sido ocasionada pela diferença no total de D. Nota-se ainda que, nas pranchas I e IV, apesar de uma possibilidade a menos de codificação D para o Atlas Brasileiro, a correlação foi máxima, o que demonstra que os recortes que permaneceram no Atlas brasileiro foram os destacados no grupo, não havendo pontuação para o D3 da Prancha I, excluído do mapeamento brasileiro, ou mesmo o D5 da IV, recodificado como Dd34. A Prancha V, por sua vez, apresentou uma correlação alta, porém um pouco mais diminuída ($r = 0.85; p < 0.001$), com a frequência de D sutilmente aumentada para o mapeamento norte-americano. Vale salientar que, apesar de apresentar apenas 1 localização D a menos no mapeamento brasileiro, duas localizações D norte-americanas foram recodificadas como Dd, e ainda uma nova localização D foi incluída, o que pode justificar a leve diminuição na correlação, apesar da frequência de D ser tão semelhante.

Nas pranchas III e IX, que apresentam totais de recortes D iguais, apesar de demarcarem áreas diferentes, é interessante notar a diminuição na correlação da Prancha III ($r = 0.77; p < 0.001$), evidenciada como a menor correlação encontrada nesta análise, com o aumento da frequência de D para o mapeamento brasileiro. Tal resultado se faz relevante visto que, nesta prancha, o Atlas brasileiro revelou apenas uma recodificação de D para Dd, e a inclusão de uma nova área D, ou seja, apenas uma área D não é equivalente entre os

Atlas. Tal resultado evidencia que o recorte, D13, acrescentado no mapeamento brasileiro foi moderadamente mais frequente que o D8, do mapeamento norte-americano.

Na prancha VI, a correlação foi alta, com leve aumento da frequência de D quando codificados de acordo com o Atlas brasileiro. Nesta prancha, o estudo brasileiro recodificou quatro áreas D como Dd, e apenas uma Dd foi classificada como D, apresentando um total de recortes D menor que o norte-americano. Este dado merece destaque visto que o mapeamento brasileiro, mesmo com a diminuição, no total, de três recortes, apresentou frequência ainda maior de D, o que explicita que seus recortes são suficientemente representativos. Na Prancha X, por fim, a correlação foi moderadamente alta, com aumento da frequência de D para a classificação segundo o Atlas brasileiro. Nesta prancha destaca-se um aumento de recortes D no Atlas brasileiro, o que justifica-se o resultado.

Em continuidade, na Tabela 8, será apresentada a análise comparativa entre grupos, que foi realizada pela prova ANOVA. A comparação foi realizada entre o grupo de 46 não pacientes coletados para a presente pesquisa, e um grupo de 370 sujeitos, parte do banco de dados realizado no estudo normativo de Villemor-Amaral e cols (2007).

Tabela 8

Comparação do desempenho entre grupos de acordo com Atlas brasileiro

Loc.	Grupo Amostral			Grupo Normativo			SQ	GL*	MQ	F	p	Eta ²
	N	M	DP	N	M	DP						
W	46	8.48	3.98	370	7.46	4.38	40.69	1	40.69	2.23	0.14	0.005
D	46	12.04	5.47	370	11.08	6.14	167.95	1	167.95	1.02	0.31	0.002
Dd	46	3.26	3.52	370	3.82	4.76	104.06	1	104.06	0.59	0.44	0.001

O resultado acima demonstra que o desempenho do grupo de 46 não se diferencia significativamente do grupo normativo, quando avaliados de acordo com o Atlas Brasileiro, o que era esperado dada as características da amostra, de não pacientes com ausência de sofrimento mental significativo, ou queixas específicas. Tal resultado revela coerência para as expectativas normativas levantadas pelo estudo de Villemor-Amaral e cols. (2007), verificando que tais dados foram suficientemente sensíveis para avaliar o grupo de não pacientes utilizados neste trabalho.

Diante dos resultados e discussões apresentadas, vale salientar que o mais importante no estudo do mapeamento não é verificar qual Atlas apresenta mais ou menos áreas destacadas, mas sim qual se mostra mais representativo, o que muitas vezes leva a um aumento no total de recortes, como observado em Dd, porém o que não foi observado em D, visto que, mesmo diante da diminuição de alguns recortes, o mapeamento brasileiro mostrou-se representativo. Além disto, a principal contribuição deste novo mapeamento é permitir maior precisão na codificação da Qualidade Formal (FQ), como será apresentado a seguir.

Lista de Qualidade Formal (FQ)

A Lista de FQ é de grande importância no sentido de fornecer uma avaliação mais precisa do Método de Rorschach, sendo dividida, em FQo, que seriam referentes aos conceitos frequentemente vistos, com boa qualidade formal, FQu, conceitos não frequentes porém não distorcidos, e a codificação FQ- que é atribuída para as respostas nas quais o conceito dado pelo sujeito não condiz com os contornos da mancha por ele demarcados (Exner, 1999). Vale lembrar que a codificação FQ+ está presente na tabela como FQo, já que a primeira seria uma resposta FQo em que o sujeito teve o cuidado de descrever minuciosamente a forma, mas as imagens seriam bem vistas e frequentes. Com a intenção de verificar possíveis diferenças quanto à frequência destas codificações entre a listagem brasileira (Villemor-Amaral & cols., 2007) e a norte-americana (Exner, 1999), foi realizado o teste estatístico ANOVA. Os resultados revelados serão apresentados na Tabela 9, a seguir.

Tabela 9

Comparação do desempenho do grupo pelas Listas brasileira e norte-americana

	Lista	Média	DP	SQ	GL*	MQ	F	p	Eta²
FQo	EUA	11.33	3.73						
	Brasil	11.78	3.56	4.79	1	4.79	0.36	0.55	0.00
FQu	EUA	8.02	4.31						
	Brasil	8.54	4.01	6.26	1	6.26	0.36	0.55	0.00
FQ-	EUA	4.43	2.65						
	Brasil	3.43	2.45	23.00	1	23.00	3.52	0.06	0.03

Na tabela acima, verifica-se que nenhum dos resultados apresentou diferença significativa, ou seja, a média para cada uma das qualidades formais foi estatisticamente semelhante quando classificados pelas duas listas. No entanto observa-se que o FQ- mostrou-se diminuído quando codificado de acordo com a lista brasileira, de modo marginalmente significativo.

Observando-se que a amostra é de não pacientes, o que espera-se que apresentem boa acuidade perceptiva, não apresentando, pelo SRQ 20, sofrimento mental significativo, sem histórico de busca de ajuda psicológica ou psiquiátrica e ainda sem queixa específica, espera-se que a lista que melhor represente a amostra revele maior frequência de FQo e FQu, e menor de FQ-. Neste sentido a listagem brasileira ($M = 3.43$; $p = 0.06$) permitiu uma menor pontuação na codificação referente a distorção perceptiva, comparada à norte americana ($M = 4.43$).

Os dados apresentados são importantes, pois revelam a distribuição da codificação FQ na amostra, pelas duas listas, porém, o valor total de cada FQ em um protocolo em análise não teria valor interpretativo isoladamente. O que traria estes dados passíveis de inferências seriam as porcentagens relacionadas às estas classificações que são: X+%, correspondente à porcentagem de respostas ordinárias em um protocolo (FQ+e FQo); Xu%, referente à porcentagem de respostas inusuais (FQu); XA%, que se refere à porcentagem de respostas ordinárias e inusuais (FQ+, FQo e FQu); X-%, que diz respeito à porcentagem das respostas distorcidas (FQ-); e WDA%, que corresponde à porcentagem de respostas ordinárias e inusuais, porém não distorcidas (FQ+, FQo e FQu), relacionadas às localizações W e D (Exner, 1999; Villemor-Amaral, Silva Neto & Nascimento, 2003).

Com o objetivo de verificar diferenças na avaliação da acuidade perceptiva do grupo amostral, foram realizadas análises comparativas para estas porcentagens, verificando como estes cálculos se revelam entre as duas listas, como segue na Tabela 10 abaixo.

Tabela 10

Comparação das porcentagens de FQ pelas Listas brasileira e norte-americana

	Lista	Média	DP	SQ	GL*	MQ	F	p	Eta ²
X+%	EUA	48.71	12.38	96.68	1	96.68	0.67	0.41	0.00
	Brasil	50.76	11.59						
Xu%	EUA	32.75	13.30	123.08	1	123.08	0.90	0.34	0.01
	Brasil	35.06	9.79						
XA%	EUA	81.45	10.03	438.18	1	438.18	4.97	0.03	0.05
	Brasil	85.82	8.68						
X-%	EUA	18.54	10.03	453.90	1	453.90	5.18	0.02	0.05
	Brasil	14.10	8.63						
WDA%	EUA	73.07	12.20	314.98	1	314.98	2.24	0.14	0.02
	Brasil	76.77	11.47						

Os resultados acima mostram que houve diferença estatisticamente significativa em duas das porcentagens calculadas, a X-%, que apresentou-se aumentada quando obtida de acordo com a listagem norte-americana, e XA%, que se mostrou-se aumentada de acordo com a listagem brasileira. A porcentagem X-% de um protocolo, segundo Exner e Sendín (1999) seriam indicativos de problemas na mediação cognitiva, o que revelaria dificuldades

a formar impressões apropriadas sobre a realidade e interpretá-las de modo adequado, bem como de se comportar adaptadamente, o que assinalaria, quando aumentado, “*um grau preocupante de afastamento do convencional*” (p. 93). Já a porcentagem XA%, seria um indicativo oposto ao X-%, sugerindo uma boa capacidade de percepção dos fatos e da realidade.

Os resultados acima demonstram que a Lista de FQ elaborada no estudo de Villemor-Amaral e cols. (2007), evidencia-se como mais sensível na avaliação da acuidade perceptiva dos sujeitos estudados, uma vez que verifica-se uma maior congruência nos resultados obtidos de acordo com a listagem brasileira e as características da amostra, que entende-se ser de indivíduos com boa adequação perceptiva.

Em seguida, na Tabela 11, será apresentada a comparação entre os grupos de não pacientes (N = 46) e o normativo (N=370), nas variáveis e porcentagens da à Lista de Qualidade Formal, quando consideradas de acordo com os dados brasileiros de Villemor-Amaral e cols. (2007).

Tabela 11

Comparação do desempenho entre grupos de acordo com a Lista brasileira

	Grupo Amostral			Grupo Normativo			SQ	GL*	MQ	F	p	Eta ²
	N	M	DP	N	M	DP						
FQ-	46	3.52	2.46	370	3.88	2.71	0.01	1	0.01	0.72	0.39	0.002
FQu	46	8.48	4.02	370	7.50	4.64	9.77	1	9.77	1.84	0.17	0.004
FQo	46	11.78	3.58	370	8.32	3.27	94.62	1	94.62	44.75	0.00	0.09
XA%	46	0.85	0.09	370	0.72	0.12	0.73	1	0.73	51.32	0.00	0.11
X+%	46	0.51	0.11	370	0.39	0.13	0.53	1	0.53	31.40	0.00	0.07
X-%	46	0.14	0.09	370	0.17	0.09	0.03	1	0.03	3.82	0.05	0.009
Xu%	46	0.35	0.09	370	0.33	0.11	0.01	1	0.01	1.21	0.27	0.003

A análise acima exposta mostra que os resultados obtidos pela amostra de não pacientes (N = 46) se difere significativamente dos encontrados na parcela da amostra normativa (N = 370) utilizada para as comparações, nas variáveis: FQo, XA%, X+% e X-%. Tal resultado surpreende na medida de que não eram esperadas diferenças significativas entre o desempenho do grupo amostral deste estudo e o grupo normativo utilizado no estudo de Villemor-Amaral e cols. (2007), dada as características da amostra. No entanto, verifica-se que os resultados podem ser entendidos por diferenças, entre os grupos, quanto à idade, escolaridade e sexo. Vale enfatizar que as características do grupo amostral foram rigorosamente estabelecidas em proporção ao grupo normativo de 600 indivíduos utilizado no estudo brasileiro citado, no entanto, por incompatibilidade nas planilhas, a comparação com o grupo total ficou inviabilizada para o momento, o que pretende-se realizar posteriormente

Vale ainda destacar os valores normativos referenciais brasileiros encontrados no apêndice publicado por Villemor-Amaral, Silva Neto e Nascimento (2003), para os índices que se mostraram significativamente diferentes na tabela acima: FQo, $M = 8.70$, $DP = 3.44$; XA%, $M = 0.74$, $DP = 0.13$; X+%, $M = 0.44$, $DP = 0.12$; e X-% = 0.25, $DP = 0.12$. Verifica-se que, apesar das diferenças significativas encontradas na comparação entre os grupos, os valores médios revelados, em ambos os grupos, localizam-se dentro da margem esperada para a população normativa brasileira. Neste sentido pode-se pensar que o grupo de não pacientes ($N = 46$), apresentou um desempenho dentro anunciado tanto quanto o grupo normativo ($N = 370$), porém em extremos opostos quanto ao valor máximo e mínimo aguardado para estes índices, o que pode ter ocasionado as diferenças significativas encontradas.

Em contato com os dados levantados por esta pesquisa, uma importante informação ficou em evidência. Observou-se que alguns conceitos marcados como FQo em uma das listas, se apresentou como FQ- na outra, o que constitui-se como uma incongruência nas classificações, visto que, de acordo com Exner (1999), e Villemor-Amaral e cols. (2007) a codificação FQo é atribuída para as respostas frequentemente identificadas em determinada área, e que não apresentam distorção da forma, e a FQ- para os conceitos que não condizem com os contornos do recorte. Sendo assim, entende-se que uma resposta considerada FQo em uma das listagens, não poderia ser codificada como FQ-, na outra. Neste sentido, foi feito um levantamento dos conceitos e recortes em que esta incongruência foi encontrada, que será apresentado nas Tabelas 12 e 13, a seguir. A Tabela 12 compreenderá os conceitos que são codificados como FQo na lista norte-americana, e que estão classificados como FQ- no estudo brasileiro.

Tabela 12

Descrição de incongruências nas codificações FQ- brasileiras, comparadas às norte-americanas

Conceito EUA	Conceito Brasil	P	Loc. EUA	Loc. BR	FQ EUA	FQ BR
Figura para-humana	Humano Real ou Fantástico	III	D2	D2	o	-
Cordeiro	Bezerro, Cabrito, Carneiro	III	D9	D9	o	-
Anatomia não espec.	Anatomia Humana não espec. (I)	VIII	W	W	o	-
v Flor (Buquê)	Flor (I)	X	W	W	o	-

As informações apresentadas acima mostram que em apenas quatro conceitos dos apresentados na amostra estudada, a nova lista elaborada (Villemor-Amaral & cols., 2007) ofereceu uma codificação inconsistente com os dados proporcionados pela listagem norte-americana (Exner, 1999). Nota-se ainda que foi encontrada uma resposta Anatomia não especificada, da Prancha VIII, com a inversão da prancha (I), o que então é codificado como FQ- pela lista brasileira, já no norte-americano, apenas o conceito, sem distinção da posição da prancha, é codificado como FQo. Já a resposta Flor, da prancha X, está codificada como FQo para o a lista norte-americana, observando-se que apresenta também um acréscimo do conceito Buquê, o que pode gerar dupla interpretação, entendendo que tanto buquê de flores como flor, invertidos, seriam codificado como FQo, ou então, que somente buquê de flor poderia ser assim codificado. Sendo assim, verifica-se uma falta de clareza na definição do conceito classificado, o que pode ter gerado esta incongruência nas

classificações. De qualquer forma, tais incongruências serão criteriosamente verificadas, visto que ainda está em andamento o trabalho de finalização da Lista de FQ brasileira. Observa-se que os procedimentos que envolvem o desenvolvimento de uma lista de qualidade formal, são minuciosos e intensos, pois, além de toda análise das frequências, necessita-se uma verificação cautelosa dos conceitos para definição dos FQu e FQ-, e ainda de revisões periódicas que refinem e ampliem a listagem realizada, trabalho este que ainda tem sido desenvolvido por Villemor-Amaral e cols. (2007). Na sequência, será apresentada a Tabela 13 que compreende os conceitos classificados como FQo pelo estudo brasileiro, porém que eram codificados como FQ- na listagem norte-americana.

Tabela 13

Descrição de incongruências nas codificações FQ- norte-americanas, comparadas às brasileiras

Conceito EUA	Conceito Brasil	P	Loc. EUA	Loc. BR	FQ EUA	FQ BR
Cara Humana ou de animal	Cabeça ou rosto Humano...	II	WS	WS	-	o
Rosto	Cabeça ou rosto Humano	II	D2	D2	-	o
Cabeça Humana	Cabeça ou rosto Humano...	VII	D3	D3	-	o
Anim. Não espec.	Anim. Não espec.	X	D8	D8	-	o
Peixe	Peixe	X	D12	D12	-	o
Rã	Sapo ou Rã	X	D7	D7	-	o

Os dados oferecidos acima expõem que em pelo menos seis conceitos codificados como FQ- no mapeamento norte-americano (Exner, 1999), nos estudos brasileiros (Villemor-Amaral e cols., 2007) revelaram frequência suficientes para serem codificados como FQo. Por não haver diferença entre os conceitos, e nem especificações quanto a posição ou outra característica que possa distinguir as respostas, entende-se que esta incongruência foi encontrada por diferenças de critérios de elaboração da lista, ou simplesmente por diferenças nas frequências obtidas em cada estudo realizado, e que, de acordo com o julgamento da equipe norte-americana (Exner, 1999) no momento optou-se pela codificação FQ-. Observando-se os critérios rigorosamente estabelecidos no estudo brasileiro e entendendo que os conceitos frequentemente vistos por uma população normativa tendem a apresentar uma qualidade formal condizente aos recortes, as sinalizações, acima apontadas, revelam-se importantes no sentido de oferecer maiores elementos no refinamento do trabalho de mapeamento e listagem do sistema de codificação do Rorschach. No entanto, tais dados referem-se à amostra coletada (N = 46), portanto são possivelmente insuficientes, necessitando-se de maiores investimentos no intuito de verificar de como modo estas incongruências se repetem em toda listagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados apontam que o Atlas de Localização e a Lista de Qualidade Formal (FQ) do Rorschach/SC brasileiros (Villemor-Amaral & cols., 2007), mostraram-se representativos, quanto aos seus recortes, e sinalizam maior sensibilidade na avaliação da acuidade perceptiva dos sujeitos da amostra avaliada, quando comparados aos dados norte-americanos (Exner, 1999). Os resultados podem assim ser interpretados como evidências de validade para o mapeamento e listagem elaborados no Brasil. Tais conclusões são de extrema importância visto que, atestando a validade dos achados brasileiros, suas contribuições podem ser aproveitadas nacional e internacionalmente.

Observando-se as dificuldades encontradas, entende-se que novos estudos comparando o grupo de não pacientes ao grupo normativo total (Villemor-Amaral & cols, 2007), devem ser realizados no intuito de verificar os achados e também possibilitar novas descobertas. Compreende-se ainda a relevância de novos estudos que visem homogeneizar as características da amostra com a exclusão de possíveis protocolos com implicações patológicas, ou mesmo extremos quanto ao número de respostas.

Ressaltando que a presente pesquisa faz parte de um conjunto de quatro investigações realizadas com grupos amostrais contrastantes, supõem-se que, a soma dos dados obtidos em todos os estudos fornecerão elementos ainda mais consistentes a respeito da validade do Atlas e Lista de FQ brasileiros. Sendo assim, pesquisas que objetivem o cruzamento entre os estudos realizados, e que ampliem as possibilidades de exploração dos dados, trariam grandes contribuições, na medida que estes podem revelar detalhes importantes para o refinamento do mapeamento e listagem brasileiros.

REFERÊNCIAS

- Anastasi, A. (1977). *Testes Psicológicos*. São Paulo: EPU.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Antúnez, A.E.A. (1998). Estudo da personalidade e de aspectos psicossomáticos de pacientes com glossodínia, por meio de entrevista, exame de Rorschach e Psicoterapia. *Monografia*. Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo.
- Anzieu, D. (1989). *Os métodos Projetivos*. Rio de Janeiro: Campus.
- Augras, M. (1981). *Teste de Rorschach: Atlas e Dicionário*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: FGV/ISOP.
- Belfort, R.; Yazigi, L.; Abreu, M.T. & Belort Júnior, R. (1996). Estudo psicológico em uveíte de behçet pela prova de Rorschach / Psychological interview and Rorschach test in patients with Behçet syndrome. *Arq. Bras. Oftalmol.* 59(5), 476-81.
- Castro, P. F. (2006). Histórico da Produção Científica do Sistema Compreensivo no Brasil a partir de eventos da ASBRo. Em Silva Neto, N.A. & Amparo, D.M. (orgs.). *Métodos Projetivos: instrumentos atuais para investigação psicológica e da cultura*. Brasília: ASBRo, 114-123.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP. (2003). Acessado em 18/09/2008, <http://www.pol.org.br>.
- Constantino, G., Flanagan R. & Malgady, R. (1995). Overcoming Bias in Multicultural Projective Assessment. *Rorschachiana*, 20 (1-2), 148-171.
- Cunha, J. A. (2000) *Psicodiagnóstico V*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Duarte, C.S; Bordin, I. A.; Yazigi, L. & Mooney, J. (2005). Factors associated with stress in mothers of children with autism. *Autism*, 9 (4), 416-427.

Exner, J.E. (1969). *The Rorschach Systems*. New York: Grune & Stratton.

Exner, J. E. (1979). *The Rorschach, a Comprehensive System*. Vol. 1. New Jersey: Wiley & Sons.

Exner, J. E. (1993) *El Rorschach: Um Sistema Compreensivo*. Vol. 1. 3ª Ed. Madri, Espanha: Psimática.

Exner, J. E. (1999). *Manual de Classificação do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Exner, J. E. (2004). *Tabela de Qualidade Formal do Rorschach: para o Sistema Compreensivo. Adaptação para uso no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Exner, J. E. & Sendín, C. (1999). *Manual de Interpretação do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gazire, P., Yazigi, L. & Ambrogini Jr, O. (2001). Aspectos psicológicos da síndrome do intestino irritável. *Psiquiatria na Prática Médica*, 34, (3), 68-75.

Güntert, A.E.V.A. & Nascimento, R.S.G.F. (1999). *The DEPI index of the Comprehensive Rorschach System in Brazilian Sample: preliminary results*. In: XVIth International Conference, Amsterdã.

Güntert, A.E.V.A. & Nascimento, R.S.G.F. (2000). O índice DEPI e a negação de sentimentos. *Anais do II Congresso da Sociedade Brasileira de Rorschach e Outros Métodos Projetivos*, Porto Alegre.

Güntert, A. E. V. A.; Yazigi, L. & Behlau, M.S. (2000). Crianças com nódulo vocal: estudo da personalidade por meio do Método de Rorschach. *Psico-USF*, 5 (1), 43-52.

- Mari, J. & Willians, P. A. (1986). A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of São Paulo. *Brit. J. Psychiatry*, 148, 23-26.
- Meyer, G.J. (2002). Exploring possible ethnic differences and bias in the Rorschach Comprehensive System. *Journal of Personality Assessment* 78 (1), 104-29.
- Nascimento, R. S. G. F. (2002). Estudo Normativo do sistema compreensivo do Rorschach para a cidade de São Paulo. *Psico-USF*, 7 (2), 127-141.
- Nascimento, R.S.G.F. (2008). Atualização em Pesquisa com o Sistema Compreensivo do Rorschach no Brasil. Em Villemor-Amaral, A.E. & Werlang, B.S.G, (Orgs). *Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasian, S. R. (2002). Atualizações sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach no Brasil: um breve panorama. *Psico-USF*, 7 (1), 43-52.
- Rorschach, H. (1974). *Psicodiagnóstico*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Santoantonio, J. Yazigi, L. & Sato, E.L. (2006). Rorschach Characteristics In Adolescents with Systemic Lupus Erythematosus. *Rorschachiana*, 28 (1-2), 100-118.
- Semer, N. L. & Yazigi, L. (2009) The Rorschach and the body: the study of self-esteem in enuretic children through the Rorschach method. *Rorschachiana*, 30, 03-25.
- Silva Neto, A. C. P. (2008). Fidedignidade do Sistema Compreensivo do Rorschach: revisão e estudo da estabilidade temporal em adultos da cidade de São Paulo. *Dissertação de Doutorado*. Universidade de São Paulo.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Villemor-Amaral, A. E., Silva Neto, A. C. P. & Nascimento R. S. G. F. (2003). *O Rorschach no Sistema Compreensivo - Estudos brasileiros*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Villemor-Amaral, A. E., Yazigi, L., Nascimento, R. S. G. F., Primi, R. & Semer, N. L. (2007). Localização, Qualidade Formal e Respostas Populares do Rorschach no SC em uma Amostra Brasileira. Em: III Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica. *Anais III Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*. João Pessoa: IBAP.

Weiner, I. B. (2000). *Princípios da Interpretação do Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

ANEXOS

Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em duas vias)

TÍTULO DA PESQUISA: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA LOCALIZAÇÃO E QUALIDADE FORMAL DO RORSCHACH PELO SISTEMA COMPREENSIVO NO BRASIL

Eu,.....(nome, idade, RG, endereço),

.....
 abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário/a do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade da pesquisadora Profa. Dra. Anna Elisa de Villemor Amaral, professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Universidade São Francisco e de Giselle Pianowski, pesquisadora e aluna do Programa de Pós Graduação dessa mesma universidade.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é contribuir para a adaptação e validação de uma técnica de exame psicológico.
- 2- Durante o estudo serão aplicados um questionário e o testes: o teste das manchas de tintas de Rorschach e o questionário SRQ 20 - *Self Report Questionary*, com duração média de aplicação de 60 minutos.
- 3- Esses procedimentos não envolvem nenhum risco conhecido.
- 4- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 5- Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação.
- 6- Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7- Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa através do telefone: 11 - 4034-8028- Sr. Edson;
- 8- Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Profa. Dra. Anna Elisa, sempre que julgar necessário pelo telefone 11 – 4534-8040.
- 9- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com a pesquisadora responsável.

....., de de 2009.

.....
 Assinatura do Voluntário ou do Responsável Legal

.....
 Giselle Pianowski